



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE (UFCG)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS (CCJS)
UNIDADE ACADÊMICA DE DIREITO (UAD)**

EMILE NAIANE MOREIRA DE ABRANTES

**AGRICULTURA FAMILIAR E O COMERCIO AMBULANTE: FACES DO
TRABALHO INFORMAL NO SÍTIO SÃO DIOGO NO ALTO SERTÃO DA
PARAÍBA.**

SOUSA– PB

2022

EMILE NAIANE MOREIRA DE ABRANTES

**AGRICULTURA FAMILIAR E O COMERCIO AMBULANTE: FACES DO
TRABALHO INFORMAL NO SÍTIO SÃO DIOGO NO ALTO SERTÃO DA
PARAÍBA.**

Monografia apresentada ao Curso de Serviço Social do Centro de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, como exigência parcial da obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.

Orientador: Dr. Luan Gomes dos Santos

SOUSA– PB

2022

A161a

Abrantes, Emile Naiane Moreira de.

Agricultura familiar e o comércio ambulante: faces do trabalho informal no Sítio São Diogo no Alto Sertão da Paraíba / Emile Naiane Moreira de Abrantes. - Sousa, 2022.

159 f.

Monografia (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências Jurídicas e Sociais, 2022.

"Orientação: Prof. Dr. Luan Gomes dos Santos"

Referências.

1. Estiagem. 2. Nordeste. 3. Atividade Autônoma. 4. Agricultura. I. Santos, Luan Gomes dos. II. Título.

CDU 551.577.38(043)

EMILE NAIANE MOREIRA DE ABRANTES

**A INFORMALIDADE NO TRABALHO PERANTE A CONJUNTURA DO
CREDIÁRIO E DA AGRICULTURA EM SÃO DIOGO - MUNICÍPIO DE
VIEIRÓPOLIS/PB**

Monografia apresentada ao Curso de Serviço Social do Centro de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, como exigência parcial da obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.

Orientador: Dr. Luan Gomes dos Santos

Data da aprovação: _____

Banca examinadora:

Prof. (a) Luan Gomes dos Santos (Orientador)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Prof. (a): Anderson Nayan Soares de Freitas (Examinador)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Prof. (a): Maria da Conceição Silva Félix (Examinadora)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Dedico este trabalho a todos saodioguenses, em especial a meu pai Nilvan Nonato de Abrantes, ao meu avô paterno Osório Nonato de Abrantes (*in memoriam*), e aos meus tios paternos. Sertanejos raiz que despertaram em mim desde a infância uma enorme admiração pela sua trajetória de trabalho, e um árduo desejo por pesquisar o trabalho autônomo cientificamente. Amo e admiro vocês!

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelo sopro da vida e por sua infinita bondade e misericórdia comigo, por me sustentar nos momentos difíceis e por me fazer acreditar nos meus sonhos ainda que distantes, pois a fé é o modo de já possuir o que ainda se espera, a fé que valeu aos nossos antepassados um bom testemunho, foi pela fé que ele residiu como estrangeiro na terra prometida, foi pela fé também que Sara, embora estéril e já de idade avançada, se tornou capaz de ter filhos, e é pela fé na Santíssima Trindade e em Nossa Senhora que tenho chegado, e ainda chegarei a lugares que jamais imaginei estar.

À minha família, Magna e Nilvan, a mais que todos, dedico a realização deste sonho pois não tiveram a chance de estudar e sempre sonharam em dar essa oportunidade a suas filhas. Agradeço por todos os anos dedicados à educação e cuidado comigo. Tudo o que sou devo a vocês. Dedico também esta vitória a minhas irmãs Maria e Mayara, as quais são essenciais e compartilho todos os momentos da vida.

Aos meus queridos avós: Francisca Rosa, e Francisco (*in memoriam*), em especial meus avós paternos Osório (*in memoriam*), e Severina, os quais dedicaram boa parte de sua vida em minha criação, e sempre acreditaram nesse dia.

Ao meu namorado, Vinícius, que além de namorado, é amigo, e maior incentivador. Obrigada por cuidar de mim, me apoiar, e incentivar. Você torna meus dias mais leves, melhores, e me inspira a ter disciplina ao ver seu exemplo.

Aos meus amigos, pois quem tem um amigo carrega consigo um tesouro, agradeço a vocês por me ajudarem a carregar os fardos da vida com mais leveza, a vocês agradeço pelos conselhos, risadas, bons e maus momentos juntos. Agradeço em especial aos amigos que a graduação me deu: Rafaela, Kadyne, Yane, Amadeu, Pedro Lucas, Emmylly, Vandcleydson, e em especial minha dupla Danielly Evelin com quem sempre pude contar, sem vocês o caminho se tornaria mais árduo. Aos meus amigos-ocultos e familiares; Fátima, Lucas, Ozório Neto, Júnior, Cizinho, Ruan, Camile e a todos que compõem a equipe da Capela Nossa Senhora das Graças, meu muito obrigada por fazerem de meus dias melhores.

Ao meu querido orientador, Luan Gomes, que é exemplo de inteligência e humildade, muito obrigada pelas orientações e conselhos que só verdadeiros amigos dariam, sua trajetória me inspirou a trilhar a minha.

Aos meus queridos professores, meu muito obrigada por todo conhecimento transferido, e pelas amizades ali cultivadas, mais que professores vocês serão para sempre amigos.

Asa Branca

Quando oiei' a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei' a Deus do céu, uai
Por que tamanha judiação?
Eu perguntei' a Deus do céu, uai
Por que tamanha judiação?
Que braseiro, que fornaia'
Nenhum pé de prantação'
Por farta' d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão
Por farta' d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão
Inté' mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Entonce' eu disse: adeus, Rosinha
Guarda contigo meu coração
Entonce' eu disse: adeus, Rosinha
Guarda contigo meu coração
Hoje longe, muitas légua
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim vortar' pro meu sertão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim vortar' pro meu sertão
Quando o verde dos teus óio'
Se espaiar' na prantação'
Eu te asseguro, não chore, não, viu
Que eu vortarei', viu, meu coração
Eu te asseguro, não chore, não, viu
Que eu vortarei', viu, meu coração

Fonte: Musixmatch

Compositores: Luiz Gonzaga Do Nascimento / Luiz Ramalho

Letra de Asa Branca © Editora E Imp Musical Fermata Do Brasil, Fermata Do Brasil Ltda.,
Fermata International Melodies Inc.

RESUMO

O cenário político e social que o Semiárido Nordestino brasileiro e o mundo vivenciavam na década de 1990 quando o Neoliberalismo provocou reflexos negativos. Com a industrialização do país o semiárido brasileiro passa a sofrer ainda mais com as consequências da seca, assim a população de São Diogo – PB encontrava-se sem saída para a miséria que os assolavam; já não dava para tirar o sustento somente da agricultura, foi quando resolveram traçar novos caminhos, além da agricultura, buscaram saída no crediário de lâmpadas e aparelhos, passando assim a integrarem duas atividades autônomas; ambas atividades tiveram sucesso e é a fonte de renda da maioria dos moradores desde 1990 até os dias atuais. O presente trabalho tem como objetivo pesquisar e conceituar historicamente esse período de estiagem vivenciado por esses sertanejos, e ao mesmo tempo a realidade do país politicamente e economicamente. A pesquisa será realizada por meio de questionários onde os protagonistas desta conjuntura irão narrar sua própria história. Sucessivamente foram feitas análises com base em estudos científicos, dentro da reflexão também será tratado o trabalho enquanto categoria e seus desdobramentos, com ênfase no trabalho autônomo. Os resultados obtidos na pesquisa social realizada serviram de base para a construção teórica do presente trabalho, além do mais forneceram narrativas que marcaram a época da década de 1990 na vida desses sertanejos, e também do leitor.

Palavras-Chave: Estiagem. Nordeste. Atividade Autônoma. Agricultura.

ABSTRACT

The political and social scenario that the Brazilian Northeast Semiarid and the world were experiencing in the 1990s when Neoliberalism provoked negative reflexes. With the industrialization of the country, the Brazilian semi-arid region began to suffer even more from the consequences of the drought, so the population of São Diogo - PB found themselves with no way out for the misery that plagued them; It was no longer possible to make a living from agriculture alone, it was when they decided to trace new paths, in addition to agriculture, they sought a way out in the crediário of lamps and appliances, thus starting to integrate two autonomous activities; both activities were successful and it is the source of income for most residents from 1990 to the present day. The present work aims to research and historically conceptualize this period of drought experienced by these sertanejos, and at the same time the reality of the country politically and economically. The research will be carried out through questionnaires where the protagonists of this conjuncture will narrate their own story. Subsequently, analyzes were carried out based on scientific studies, within the reflection, work as a category and its consequences will also be addressed, with an emphasis on autonomous work. The results obtained in the social research carried out served as a basis for the theoretical construction of the present work, in addition to providing narratives

Keywords: Drought. North East. Autonomous Activity. Agriculture.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 11 |
| 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 13 |
| 3. TECENDO REFLEXÕES ACERCA DOS TRABALHADORES RURAIS DO SÍTIO SÃO DIOGO NO CENÁRIO DE ESTIAGEM NO NORDESTE | 14 |
| 4.1. SEMIÁRIDO NORDESTINO | 17 |
| 4.2. SÃO DIOGO NA DÉCADA DE 1990 | 20 |
| 4.3. O QUE É O NEOLIBERALISMO? | 21 |
| 4.4. NEOLIBERALISMO NO BRASIL | 22 |
| 4.5. O NEOLIBERALISMO NO SEMIÁRIDO NORDESTINO | 24 |
| 4.6. SÍTIO SÃO DIOGO NA CONTEMPORANEIDADE | 25 |
| 5. SEGMENTAÇÃO DO MUNDO DO TRABALHO E ATIVIDADE AUTÔNOMA | 26 |
| 5.1. CONCEITO DE TRABALHO | 26 |
| 5.2. OS TIPOS DE TRABALHO | 28 |
| 5.3. REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA | 31 |
| 5.4. DEGRADAÇÃO DO TRABALHO | 33 |
| 5.5. TRABALHO INFORMAL | 34 |
| 6. ATIVIDADE INFORMAL NO SÍTIO SÃO DIOGO | 36 |
| 6.1. MODALIDADES DE TRABALHO | 37 |
| 6.2. O COTIDIANO DO TRABALHO AUTÔNOMO EM SÃO DIOGO E A SECA DE 1990 | 39 |
| 6.3. OS SUJEITOS DA PESQUISA | 39 |
| 6.4. A VIVÊNCIA DA SECA DE 1990 NO SEIO DA AGRICULTURA FAMILIAR | 41 |
| 6.5. A INSERÇÃO EM UMA NOVA MODALIDADE DE TRABALHO AUTÔNOMA: O CREDIÁRIO | 43 |
| 6.6. AGRICULTURA FAMILIAR E PARTICIPAÇÃO FEMININA. | 44 |
| 6.7. O COTIDIANO DE HOMENS E MULHERES DE SÃO DIOGO NA CONTEMPORANEIDADE | 47 |
| 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 48 |
| REFERÊNCIAS | 49 |
| APÊNDICES | 52 |

1. INTRODUÇÃO

Devido aos longos e consecutivos períodos de estiagem vivenciados pela população rural de São Diogo, localizado na zona rural de Vieirópolis- PB onde sentiram na pele efeitos da seca em seu cotidiano como: fome, sede, morte de animais, doenças e demais reflexos negativos, esse cenário era resposta das transformações políticas e sociais que estavam acontecendo em todo o mundo, porém simplória a população desse pequeno sítio localizado no interior da Paraíba, jamais sabia que eles estavam vivenciando de fato um fenômeno natural El Niño que os assolava devido à localização geográfica da região, e as implicações econômicas dava-se devido à chegada do Neoliberalismo no país, o que fazia com que as medidas adotadas pelo governo fossem apenas uma espécie de curativo em uma grande fissura.

Mesmo naquele cenário lamentável os são-dioguenses sempre foram povo de muita fé, suas orações eram incessantes pelas chuvas e o pão de cada dia, e das diversas secas que os sertanejos enfrentam aqui será destacada a década de 1990 onde houve um grande marco histórico, e também uma reviravolta econômica na vida desses sertanejos. Encontrando-se sem saída para tirar o sustento familiar somente da agricultura que era a principal fonte de renda da população, encontrou-se solução em uma nova modalidade de trabalho autônomo; o crediário de lâmpadas e aparelhos, profissão que foi uma válvula de escape naquele momento, e que se estende até os dias atuais como fonte de renda complementar desses trabalhadores autônomos.

O presente trabalho tem o objetivo de historicizar cientificamente os acontecimentos que marcaram o Sítio São Diogo na década de 1990 até os dias atuais, mostrando assim os principais desafios enfrentados pelos trabalhadores autônomos e as mazelas geradas pelo capitalismo na sociedade. A metodologia utilizada para pesquisa social que aqui foi executada tem como o intuito compreender a qualidade dos sujeitos envolvidos, assim o estudo trata-se de uma pesquisa social com caráter descritivo sendo executado a partir de questionários, sendo uma pesquisa qualitativa, abordando fontes da história oral obtidas por meio dos questionários. O trabalho foi dividido em três capítulos.

O primeiro capítulo: Tecendo reflexões acerca dos trabalhadores rurais do sítio São Diogo no cenário de estiagem no Nordeste; irá tratar de apresentar as principais secas no Nordeste, e os impactos sofridos pela população, adentrando na realidade do Sítio São Diogo e refletindo dentro do cenário do país aquela realidade na década de 1990.

O segundo capítulo: Segmentação do mundo do trabalho e atividade autônoma; esse capítulo irá apresentar teoricamente o conceito de trabalho, os tipos de trabalho, crises e

desdobramentos, ao longo do capítulo será colocado em destaque também as atividades autônomas presentes no sítio São Diogo.

O terceiro capítulo trará as entrevistas as quais deram base a toda pesquisa e ao arcabouço teórico desenvolvido no trabalho, ao longo das entrevistas são feitas algumas observações em contextos científicos com textos de estudiosos da área.

Trabalhador autônomo é aquele que exerce habitualmente uma profissão por conta própria. Atualmente tenho 22 anos e desde os meus 5 anos que reflito acerca da modalidade profissional que meu pai, e meus tios estavam inseridos, jamais imaginaria que poderia se tornar um trabalho acadêmico. Lembro-me na infância de questionar meu pai de como ele conheceu a mercadoria que ele sempre trabalhou, de como adentraram naquele mercado, quais os motivos pela qual ele ainda tinha que ir para a roça, mesmo trabalhando quase todo seu tempo na cidade.

O que justifica meu interesse em querer analisar o tema é que desde a infância até a fase adulta sucessivamente como estudante de serviço social e participante do projeto de pesquisa “Nós nas redes”, onde tive a oportunidade de pesquisar e conhecer mais sobre os principais desafios do trabalho autônomo na atualidade, pude notar que posso saciar minhas curiosidades de criança, contribuir com o mundo acadêmico, e homenagear os trabalhadores de São Diogo com uma pesquisa a qual eles possam ler e compreender o processo que passaram.

Tenho como intuito traçar dos cinco homens e cinco mulheres que foram entrevistados, os quais são todos meus familiares ou conhecidos, estudando e pesquisando também os mecanismos por eles utilizados para se manterem na dupla jornada de trabalho autônomo entre agricultura e comércio, nesse sentido quero sanar minhas demais dúvidas que foram implantadas com as respostas que meu pai dava as minhas indagações na infância, desejando assim analisar a seca de 1990, as dificuldades que aqueles trabalhadores enfrentaram, e mostrar com um perfil científico que essas dificuldades assola até hoje na atualidade de muitos trabalhadores.

Anseio também com esse trabalho além de trazer contribuições para o mundo acadêmico acerca da categoria trabalho, tenho o árduo impulso de esclarecer aos meus conterrâneos a importância da função que eles exercessem na sociedade e as contribuições que eles deram ao meu trabalho, pois cresci ouvindo de meu pai que nosso sustento era incerto, que não poderia ficar doente pois se não trabalhasse, não receberia; desejo então apresentar a esses trabalhadores questões atuais e a progressão dos seus direitos.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa social visa compreender o que é da ordem dos significados e qualidades dos sujeitos envolvidos da pesquisa e as situações que estão inseridas no grupo específico de pessoas que será analisado. O estudo trata-se de uma pesquisa social sobre condições de trabalho e a seca em sua realidade, dada no sítio São Diogo na década de 1990 até os dias atuais).

As informações colhidas serão consideradas acerca do método histórico- dialético de Karl Marx que define-se pela mobilidade do pensamento através da materialidade histórica da vida dos homens em sociedade, derivada da sua concepção ontológica da realidade social. Com esse método será feita análise do trabalho informal em São Diogo, município de Vieirópolis, mostrando qual o modo que o trabalhador se relaciona com o produto do seu trabalho, e se ele se reconhece como classe trabalhadora, para que assim se possa construir uma pesquisa pautada nas bases do saber científico.

Bottomore, (1988) afirma esse método dos alicerces para que o pesquisador pense e analise os dados de forma dialética, assim então podendo observar o processo pelo qual surge as formas de consciência, ou noções, até que assim se complete o sistema de categorias, noções, ou formas como um todo.

A pesquisa possui caráter descritivo, pois será realizada de forma primária a partir de questionários que serão aplicados a parte da solução, também serão coletados dados pessoais em rodas de conversas, ou escritos pessoais como: correspondências, autobiografias, incluindo também trabalhos de conclusão de curso encontrados em sites eletrônicos, que abordam o mesmo tema. De forma secundária serão utilizados também livros da literatura clássica e contemporânea, disponíveis em sítios eletrônicos e também em bibliotecas físicas. As fontes utilizadas serão também derivadas de dados históricos, e estatísticos que são geralmente encontradas tanto em sites oficiais como jornais, e revistas com matérias sobre a época.

A pesquisa aqui em pauta refere-se a uma pesquisa qualitativa que é conhecida também como "estudo de campo", "estudo qualitativo", "interacionismo simbólico", "perspectiva interna", "interpretativa", "etnometodologia", "ecológica", "descritiva", "observação participante", "entrevista qualitativa", "abordagem de estudo de caso", "pesquisa participante", "pesquisa fenomenológica", "pesquisa-ação", "pesquisa naturalista", "entrevista em profundidade", "pesquisa qualitativa e fenomenológica", e outras [...]. Sob esses nomes, em geral, não obstante, devemos estar alertas em relação, pelo menos, a dois aspectos. Alguns desses enfoques rejeitam total ou parcialmente o ponto de vista quantitativo na pesquisa educacional; e outros denunciam, claramente, os suportes teóricos sobre os quais elaboraram seus postulados interpretativos da realidade (TRIVIÑOS, 1987, p. 124).

Por fim, esclarecendo quem são as pessoas desse grupo que serão analisadas, são os trabalhadores rurais de São Diogo, que são os mesmos que exercem também o trabalho autônomo nos centros urbanos, vivendo assim em uma dupla jornada de trabalho.

3. TECENDO REFLEXÕES ACERCA DOS TRABALHADORES RURAIS DO SÍTIO SÃO DIOGO NO CENÁRIO DE ESTIAGEM NO NORDESTE

De tal forma a seca no final da década 1990 contribuiu para que os trabalhadores rurais do município de São Diogo, no Sertão da Paraíba, passassem a ter uma dupla jornada de trabalho no crediário e na agricultura, foi assim como se apresentou a seca, enquanto fenômeno sócio histórico no final de 1990 no município de São Diogo - Vieirópolis, fazendo surgir assim as principais causas pela qual trabalhadores rurais acabaram optando pela inserção na modalidade do crediário, e fazendo com que eles desenvolveram mecanismos e vivências para atuar em uma dupla jornada autônoma na agricultura e no crediário.

Assim, investigar o labor na região de São Diogo durante a seca no nordeste no final da década de 1990, e a entrada dos trabalhadores em uma dupla jornada de trabalho informal se torna uma forma de entender analiticamente o fenômeno social da seca de 1990, expondo-se assim as principais causas a qual os trabalhadores rurais acabaram optando pela inserção na modalidade do crediário, apontando também os mecanismos e vivências que esses trabalhadores tiveram que desenvolver para atuar em uma dupla jornada autônoma na agricultura e no crediário, dessa forma é traçado o perfil em gênero e geração desses trabalhadores para investigar quem são eles, seu estilo de vida, e a influência que o local que vivem tem em suas vidas.

O Nordeste é uma região onde é conhecida por ser assolada por secas cíclicas que tinha como a principal causa os fenômenos naturais, devido à localização geográfica da região, o que tem influência também sobre as massas de ar úmido presentes que são de pouca força. Entre os inúmeros prejuízos que essa região sofre em épocas de seca, podemos listar os mais visíveis: pobreza, falta de emprego, falta de água, fome, miséria, mortes, devastação da vegetação, entre outras questões.

As secas são resultantes de mudanças na atmosfera, uma das principais secas que assolam essa região foi a década de 1990, mais precisamente entre os anos de 1997 e 1999 resultante do fenômeno *El Niño* que é um fenômeno que resulta em um aquecimento em águas que cotidianamente eram frias e que ficam localizadas na costa litorânea do Peru. Com as consequências do *El Niño*, a região do Nordeste sofreu drásticas consequências no clima como mortes de animais, fome, sede, e até chegar ao ponto de receber água encantada de outros locais.

A Paraíba também como região do Nordeste sofreu com esses diversos impactos da seca que assolou severamente a vida do seu povo economicamente e cotidianamente. A zona rural sendo uma área onde as principais atividades de subsistência e econômicas dependem da água e do solo é uma das regiões mais afetadas na época tendo grande prejuízo na agricultura e pecuária fazendo com que o povo que vivia disso tivesse que ir em busca de novas soluções no trabalho autônomo para sobreviver à seca.

Os trabalhadores do município de São Diogo já estavam inseridos na modalidade autônoma como agricultores, porém devido à crise financeira derivada da seca que trazia diversas mazelas para a população, tiveram assim que ir em busca de trabalhos por conta própria, onde a saída para a população que vivia na agricultura foi ter que ir em busca de mais um meio de subsistência por conta própria. O Trabalho autônomo se enquadra na Lei nº 20/2007, de 11 de julho, se compôs o Estatuto do Trabalhador Autônomo, onde visa estabelecer a descrição desse trabalhador

Nesse contexto os agricultores da zona rural de São Diogo encontraram uma espécie de saída para fugir das consequências da seca no crediário de lâmpadas e aparelhos, assim se subdividindo entre uma dupla jornada de trabalho autônomo entre agricultura e crediário, além de se locomover para outras cidades em busca de vendas e melhoria de vida.

Verde, na monotonia cinzenta da paisagem, só algum juazeiro ainda escapo à devastação da rama; mas em geral as pobres árvores apareciam lamentáveis, mostrando os cotos dos galhos como membros amputados e a casca toda raspada em grandes zonas brancas (QUEIROZ, 2006), P.8

Assim era descrita a realidade que assolou os sertanejos perante longos períodos de estiagem que se deram gradativamente durante sucessivos, e espaçados anos de seca, provocaram assim grande prejuízo para a agricultura, pecuária, e em demais áreas da vida do nordestino, dessa maneira também foi a realidade dos moradores de São Diogo vivenciando um grande cenário de seca na década de 1990.

Pois não estavam vendo que ele era de carne e osso? Tinha obrigação de trabalhar para os outros, naturalmente, conhecia o seu lugar. Bem. Nascera com esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia. Tinha vindo ao mundo para amansar o brabo, curar feridas com rezas, consertar cercas de inverno a verão. Era sina. O pai vivera assim, o avô também. E para trás não existia família. Cortar mandacaru, ensebar látégos — aquilo estava no sangue. Conformava-se, não pretendia mais nada. Se lhe dessem o que era dele, estava certo. Não davam. Era um desgraçado, era como um cachorro, só recebia ossos. Por que seria que os homens ricos ainda lhe tomavam uma parte dos ossos? Fazia até nojo pessoas importantes se ocuparem com semelhantes porcarias. (RAMOS, 2007, P. 97)

As secas que eram cíclicas vinham castigando os sertanejos durante décadas, e ali aparentava que eram sua sina viver aquela realidade, porém desassossegados com a baixa renda derivada da agricultura, e outros problemas sociais que assolavam à população, resolveram ir em busca de mudar o destino, por meio de uma nova fonte de renda, passando assim a vivenciar uma dupla jornada de trabalho informal.

Segundo Lukács, (1979) o trabalho é uma categoria essencial na vida do homem, pois é fundante do ser social, assim o homem pode reconhecer a si mesmo, afasta-se das barreiras naturais para iniciar a formação da sociedade, e aperfeiçoar-se, transformando a natureza e a si mesmo. Nesse sentido, o trabalho informal entra como uma categoria do trabalho onde devido o desemprego gera-se uma necessidade de buscar por novos meios de subsistência.

Realizando um resgate histórico dos momentos vivenciados pelos trabalhadores informais se torna nítido que as dificuldades que os assolam são problemas estruturais básicos enraizados no contexto de desigualdade da sociedade brasileira, mostrando que toda riqueza está concentrada nas mãos dos grandes capitalistas, e a massa de comerciantes informais convivem com problemas estruturais básicos de renda devido às mudanças que o capitalismo vem vivenciando durante sua fase. “O debate sobre a informalidade surge dessa noção de subdesenvolvimento, para explicar o fenômeno da não-inserção dos estratos menos favorecidos da população no processo produtivo em contextos nos quais o assalariamento era pouco generalizado” (SILVA, 2003).

A informalidade entra em questão a ser debatida com grande ênfase a partir de 1960 e 1970, esse enfoque se deu devido à rápida urbanização que ocorreu na época, derivada da grande quantidade de pessoas que precisaram migrar pelo fato que não conseguiram um vínculo empregatício assalariado e regulamentado. Nesse contexto se expandiu a urbanização e com ela o número de trabalhadores sem vínculo e desempregados, nascendo assim o princípio da informalidade.

Com o desemprego em massa, a década de 1990 presenciou a eliminação de cerca de 3,3 milhões de postos de trabalho formais na economia Mattoso (1999), coadunada às diversas experiências de subcontratação (crescimento das pequenas firmas com baixo nível de capitalização, trabalho autônomo, cooperativas de fachada), que foram fatores decisivos no fenômeno da desestruturação do mercado de trabalho e da ampliação da informalidade no país. (Silva, 2003)

Essas mutações decorrentes do capitalismo, e a seca na década de 1990 no Nordeste explicam a dupla jornada de trabalho autônoma que os trabalhadores de São Diogo tiveram que assumir vendendo crediário nas ruas o que até hoje é fonte de renda vitalícia e sofre com as transformações que acontecem em seu mundo do trabalho devido a dinâmica do capitalismo

globalizado, onde mostra-se que a informalidade passa a ser parte da acumulação de riquezas, tratando assim na realidade uma “nova informalidade”. Para DURÃES (2013):

Tem-se que compreender essa informalidade como um trabalho que possui características tradicionais, com elementos culturais singulares, mas que tem também uma parte extremamente inovadora, que remodela sua cultura e suas maneiras de atuação no mundo. Ou seja, é parte da dinâmica cultural da informalidade sofrer reconfigurações, pois possuem agentes ativos e que também modificam e participam do mundo social. Ademais, são trabalhos também explorados pelo capitalismo; assim, são similares a qualquer outro trabalho formal.

Enquanto a nova informalidade passa a empregar pessoas com até maior índice de escolaridade, emprega também pessoas que buscam nessa modalidade uma esperança para sobreviver, pois com a miséria é designado o pauperismo que não é um termo tão atual, porém que assola a atualidade, havendo assim uma visão dualista onde deve ser denunciado o estado de miséria que grande parte da população latino-americana está inserida.

Tecer reflexões acerca do mundo do trabalho traz ricas descrições sobre a categorias e seus sentidos, tratando do capital como um sistema que envolve trabalho, Estado e o próprio capitalismo, surgindo assim “a classe que vive do trabalho”, assim se expõem a problemática acerca das antigas formas de trabalho que ficaram marcadas lê-lo alto índice de desemprego, e as novas relações de trabalho que estão presentes no trabalho informal.

Para Antunes (2009) a classe que vive do trabalho são trabalhadores produtivos e improdutivos que não são detentores dos meios de produção e por isso vão em busca de vender sua força de trabalho, em alguns cargos como proletariado industrial pode produzir mais-valia, em outros casos como: trabalhadores rurais, terceirizados, entre outros podem apenas compor esse grupo, que nele estão os trabalhadores informais de São Diogo.

Depois da reviravolta financeira após a inserção dos são-dioguenses em uma dupla jornada de trabalho autônomo, atualmente os trabalhadores se subdividem no mundo do de tal forma que a uma parcela que está trabalhando somente no crediário geralmente esses são os mais jovens, filhos dos homens que enfrentaram a seca de 1990, outra parcela que engloba homens dos 30 aos 60 estão inseridos entre crediário, agricultura e pecuária, os demais estão se aposentados, ou no meio desse processo para se aposentarem como agricultores, pois a mais tempo estão inseridos nesse trabalho. É importante ressaltar que até hoje em São Diogo não existe outras fontes de rendas além dessas para os trabalhadores do sexo masculino.

4.1. SEMIÁRIDO NORDESTINO

A região do Semiárido brasileiro é uma área que se estende por nove estados do Nordeste e também pelo estado de Minas Gerais, tendo em média 28 milhões de habitantes,

sendo uma das regiões mais populosas do mundo. Sobre seu clima o índice de aridez é de 0,5%, traz um risco de seca maior que 60%, e uma precipitação pluviométrica média anual inferior a 800mm. Trazendo consigo também uma grande diversidade em solos, animais, e meios de subsistência. Esse território tem sofrido durante longos períodos de tempo com a seca.

As secas podem ser explicadas como extensos momentos de estiagem que consiste em um tempo seco e brando, após um período de chuvas e trovoadas, trazendo assim temperaturas elevadas, evaporação, significando a falta de umidade no local.

Muito tem sido dito e escrito sobre a realidade do semiárido brasileiro e as possíveis alternativas para o seu desenvolvimento. Geralmente, os diagnósticos e as proposições têm como referência imagens historicamente construídas sobre um espaço-problema, terra das secas, região de fome e da miséria, explicação do atraso econômico e das disparidades regionais. Essas imagens são fruto de julgamentos superficiais sobre a realidade do semi-árido e dos interesses políticos das elites locais que explicavam a miséria, a fome e o atraso como produtos de condições naturais adversas, do clima, da terra e da formação de sua gente (MARINHO, 2006. p. 361).

Quando se fala em Semiárido lembra-se logo de seca no plano físico, porém somente esse olhar não é o bastante para se compreender todos os danos causados na vida daqueles que vivenciaram cada período de estiagem na pele. Para englobar esse momento é essencial voltar-se a considerar os fatores sociais, políticos, econômicos e naturais, para enfim compreender esses períodos. O semiárido nordestino é visto por moradores de outros estados brasileiros, com olhos tristes, e que carregam sobre si “pena” e preconceito para compreender as reais necessidades daqueles que o habitam: Sabendo que essas condições chegam a dificultar a sobrevivência dessas pessoas, animais e vegetação aqui presentes, no período de estiagem, levando em consideração outros períodos principais meios de subsistência.

Para fazer uma análise mais ampla e compreensível desses períodos, é indispensável buscar compreender as ações governamentais tomadas em busca da redução das consequências da seca. “Porém, nesse mesmo período surgem outros olhares críticos sobre as causas estruturais e as consequências da miséria que assola a região” semiárida. (MARINHO, 2003).

A primeira seca registrada na região do Nordeste foi ainda no período colonial, por volta de 1583 a 1585, trazendo consequências alarmantes para seu povo e para a região. A região do semiárido brasileiro era povoada por indígenas que tiveram que migrar de território em busca de melhoria de vida, pois a fome, falta de água, epidemias, mortes e condições para trabalho se encontravam esgotadas naquele momento, indo assim para o Litoral em busca de melhorias. Devido ao grande número de secas vivenciadas na região, o governo começa a tomar iniciativas para amenizar a situação. Na década de 1930 essa questão ganha grande enfoque no país devido às ações governamentais começarem a favorecer aqueles que não eram o público alvo, e gerar

renda para fazendeiros e políticos, que se aproveitaram da tragédia que estava sendo vivenciada, para se beneficiarem, esse momento ficou conhecido como “indústria da seca”.

No fim da década de 1950 o debate em torno a questão regional ganha ênfase, um dos principais fatores era a economia estagnada, e um grande índice de pobreza, foi nesse momento que foi criado o Grupo de Trabalho para Desenvolvimento do Nordeste (GTDN), deixa claro que as iniciativas tomadas pelo governo para intervir na seca, não passavam de propostas falidas nas quais aumentavam os rumores sobre a inaplicabilidade dos projetos criados até ali, deixando ainda mais forte os boatos que a seca era a responsável por todo subdesenvolvimento da região. Nos anos seguindo como em 1960 houve algumas mudanças como a inserção de centros agroindustriais, em 1970 novamente uma grande seca atinge a região do Nordeste, porém o governo estava agindo com diretrizes para conter os desastres, um deles foi a proposta de industrialização do GTDN, que tinha como objetivos centrais: colaborar para a redução do desemprego, disponibilidade de matéria prima, e aproveitamento delas, crescimento regional, com o principal enfoque de luta contra o subdesenvolvimento do Nordeste.

Nesse mesmo contexto de secas e melhorias no semiárido brasileiro, o ano de 1980 traz uma das maiores secas que já houveram, com duração de 7 anos, onde todas as iniciativas do governo ainda eram pequenas perto daquele momento, a população buscava consolo na oração, pois o número de mortos e a fome só aumentavam a cada dia, e o socorro acabou vindo também por parte de Organizações Não Governamentais (ONGS), que passaram a criar estratégias e pesquisas no intuito de criar um novo jeito de lidar com aquele momento.

A Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) que esteve presente nas intervenções à seca da década de 1950, vivenciou também a seca de 1993, seca essa que atingiu todo o semiárido brasileiro. Mesmo com as intervenções tomadas na seca anteriores como: redes de açudes, e pesquisas para conhecer melhor toda a área, houve muitas mortes e prejuízo à agricultura, e pecuária. A população e o ecossistema se tornavam ainda mais suscetíveis, essa grande vulnerabilidade era posta como derivada do subdesenvolvimento na região.

As frentes de emergências eram programas as quais atuavam nos períodos mais críticos de seca, fazendo obras em propriedades. Na época, os trabalhadores rurais que perderam suas lavouras tiveram que participar do programa. Novamente na década de 1990 houve outra seca, dessa vez causada pelo evento climático El Niño, esse fenômeno ocorreu no oceano pacífico causando o aquecimento da água, provocando a distribuição de ventos quentes, e alterações nas chuvas em diferentes regiões do globo, sendo uma delas o Nordeste. A frente produtiva destinou

mais de 600.000.000.000 para auxiliar a população a conviver com a seca, fora os demais programas emergenciais do governo.

Essa catástrofe de fato alterou ainda mais as formas de viver dos Nordestinos, a população de São Diogo/PB relata que toda a década de 1990 foi um período a qual eles foram desafiados pela sobrevivência, e tiveram que encontrar uma nova forma para buscar seu sustento, relatando que o programa do governo não sanava as necessidades mais simples que as famílias tinham, por isso tiveram que passar a realizar uma dupla jornada de trabalho entre agricultura e crediário

4.2. SÃO DIOGO NA DÉCADA DE 1990

O Sítio Diogo, zona rural do município de Vieirópolis que na década de 1990 era intitulado como Serra Branca, é localizado no alto sertão Paraibano. Na época o sítio era um local bem mais simples que atualmente, tanto visualmente quanto economicamente, por estar enfrentando uma grande seca, o local tem como clima o semiárido e vegetação a caatinga que é formado por plantas que já estão adaptadas naquele clima por armazenarem água em suas raízes, porém no período de estiagem essa vegetação fica com uma aparência “seca”, o que influencia diretamente no aumento da sensação térmica, influenciando diretamente também na alimentação dos animais.

Com o aumento da “quentura” e a falta de água devido à seca se tornava um desafio para aqueles que viviam da pecuária e da agricultura na época manter o sustento de sua família, e alimentar seus animais, por isso homens e mulheres buscavam outras saídas para sua sobrevivência. Moradores da época relatam que as crianças e jovens iam para uma simples casa onde funcionava a Escola de Ensino Fundamental Augusto Gonçalves dos Anjos, onde ainda utilizavam-se cartilhas, mas nem todos que lá estavam matriculados aprenderam a ler e escrever, pois grande parte da população de São Diogo é analfabeta, muitos iam para a escola apenas para se alimentar na hora do lanche, pois precisavam também trabalhar para ajudar no sustento do lar, as meninas trabalhavam nas casas de família, os homens trabalhavam no roçado.

A arquitetura do sítio era simples e modéstia, contava com muitas casas ainda de barro, porém a maioria já de tijolos, ao lado da maioria das casas tinha pequenos roçados, e hortas para consumo pessoal, tendo também um pequeno espaço para alimentar os animais que a família criava como porcos, jumentos; o jumento tinha a função de levar e trazer cargas de água, e trazer alimentos dos roçados mais distantes. O sítio também contava com várias cacimbas onde as mulheres iam lavar as roupas, e os homens iam buscar água para consumo familiar.

Quanto ao lado religioso que é extremamente valorizado para o sertanejo, ainda não havia igreja, porém, algumas casas já tinham rádios e televisões, então a noite o programa da população era se reunir para assistir as missas em pequenas salas da casa dos conhecidos, as novenas e missas eram realizadas também nas casas, assim os saodiogenses rogavam por chuva no sertão. No final da década, em 1999 houve a inauguração da Escola Municipal de Ensino Fundamental João Alves de Sousa, onde foi uma grande vitória para a população, pois além de escola, era um local para haver reuniões sociais entre a população, sendo assim visto como um grande avanço para aquela população, gerando oportunidade de emprego e educação para aqueles que ali residiam.

Nessa época os saodioguenses não poderiam imaginar, mas em âmbito mundial o Neoliberalismo já vigorava como doutrina econômica, porém só entrou em cena no Brasil no final da década de 1990. À população de São Diogo por ser simples e sem acesso à tecnologia, e uma educação de qualidade, jamais imaginaria o que se passava no âmbito mundial e capitalista, mas que a chegada da doutrina econômica tinha total ligação com a grande inflação vivenciada no momento, e outros problemas que todo o país enfrentava juntamente com os nordestinos.

4.3. O QUE É O NEOLIBERALISMO?

A crise de 1929 foi no âmbito mundial, e foi chamada também de “grande depressão”, sendo fruto da expansão de crédito feita pelos Estados Unidos da América no ano anterior, subindo assim a taxa de desemprego, e diminuindo a taxa de exportações, prejudicando o Brasil pois os EUA era o maior exportador do produto, fazendo com que o preço do café brasileiro despencasse, e assim sucessivamente atingiu-se a economia do país.

Com a crise o consumismo se torna cada vez mais estimulado, ao ponto de ter que haver uma intervenção estatal que resulta no plano New Deal onde o governo passava a controlar os preços e a produção das indústrias, e investimento em obras públicas, então resultou-se no Keynesianismo que é uma doutrina econômica que arrecada muitos impostos e gera muitos gastos públicos, trazendo assim dívidas para o Estado, para sanar essas dívidas foi necessário haver o consenso de Washington que auxiliou financeiramente os países endividados, onde teriam que adotar orientações como: .Déficits orçamentários pequenos o bastante para serem financiados sem recurso ao imposto inflacionário; Gastos públicos direcionados de áreas politicamente sensíveis que recebem mais recursos do que seu retorno econômico é capaz de justificar para campos negligenciados com altos retornos econômicos e o potencial para melhorar a distribuição de renda, tais como educação primária e saúde, e infraestrutura;

Reforma tributária de forma que alargue a base tributária e reduza alíquotas marginais; Liberalização financeira, envolvendo um objetivo final de taxas de juros determinadas pelo mercado; Uma taxa de câmbio unificada a um nível suficientemente competitivo para induzir um crescimento rápido nas exportações não tradicionais; Restrições comerciais quantitativas a serem rapidamente substituídas por tarifas que seriam progressivamente reduzidas até que fosse alcançada uma taxa baixa uniforme da ordem de 10% a 20%. Abolição de barreiras que impedem a entrada de investimento estrangeiro direto; Privatização de empresas de propriedade do Estado; Abolição de regulamentações que impedem a entrada de novas empresas ou restringem a competição; A provisão de direitos garantidos de propriedade, especialmente para o setor informal. (WILLIAMSON, 2004, p. 284)

O neoliberalismo é uma doutrina econômica, proposta por franceses e norte-americanos, que surge logo após a segunda guerra mundial na Europa, precisamente em 1970, uma época onde o capitalismo reinava em seus processos de reestruturação produtiva. A doutrina traz como suas principais características: garantir direitos básicos à população, pouca intervenção do governo no mercado de trabalho, privatização de empresas e estatais, livre concorrência, e também faz uma crítica à redução dos investimentos sociais. Em síntese o neoliberalismo nada mais é que o clássico liberalismo com uma nova face.

Segundo Anderson, (1995) se pode definir o neoliberalismo como um fenômeno que é diferente do simples liberalismo clássico, do século passado, ou seja: O liberalismo antecipa o neoliberalismo, que vem com uma nova roupagem, sendo uma resposta teórica e política, que vai de embate ao Estado intervencionista e de bem-estar social, onde enquanto o liberalismo defende a mínima intervenção estatal, o neoliberalismo deseja diminuir ainda mais a presença estatal.

4.4. NEOLIBERALISMO NO BRASIL

O Brasil foi o último país a adotar o Neoliberalismo, a implantação da doutrina deu-se devido ao fim da ditadura militar, atrasos tecnológicos e grande inflação: o Brasil foi o último dos países latino-americanos, já no começo da década de 1990, a entrar nesse circuito de submissão às políticas de liberalização financeira e comercial e de desregulamentação cambial com o objetivo de atrair recursos externos, a qualquer custo, inserindo-se de forma subordinada no novo quadro financeiro mundial (TAVARES; MELIN, 1998, p. 51).

Devido a todos os problemas vivenciados pelo país na época, observou-se que o governo Collor propôs uma solução, a criação do seu plano econômico, no intuito de conter a inflação, trazendo mudanças como: uma nova moeda que seria o Cruzeiro, privatização, diminuição de

funcionários públicos, e os preços deveriam voltar a serem os mesmo de doze de março. O plano não teve um resultado positivo. O presidente cria um segundo plano que acrescenta propostas ao primeiro, mas que também tem resultado negativo. Os dois planos elaborados pelo presidente só complicaram ainda mais a situação que o país estava vivenciando. [...] combinado com a abertura da economia e o processo de privatizações inaugura o que poderíamos chamar de "Era Liberal" no Brasil. Até então, apesar da existência de algumas iniciativas nesse sentido, durante o Governo Sarney, e de uma já forte massificação e propaganda dessa doutrina nos meios de comunicação de massa, havia uma forte resistência à mesma, calcada principalmente, na ascensão política, durante toda a década de 1980, dos movimentos sociais e do movimento sindical.

A Constituição de 1988 foi a maior expressão dessa repulsa da sociedade brasileira, por isso mesmo, ela foi alvo privilegiado tanto do Governo Collor quanto do Governo Cardoso, que recolocou, mais tarde, o projeto liberal nos trilhos (FILGUEIRAS, 2000. p 83-84). Os problemas foram sanados pelo Plano Real que foi criado no governo de Itamar Franco. O plano trazia propostas como: a moeda ser real e redução de taxas, assim a economia do país vivencia um milagre e faz com que Fernando Henrique Cardoso vença as eleições de 1994, havendo assim grandes mudanças no papel do Estado, sendo justamente nesse momento que o país passa a vivenciar medidas neoliberais.

O neoliberalismo no Brasil trouxe medidas como: pouca intervenção do governo no mercado de trabalho, privatização de empresas e estatais, e apoio às ideias capitalistas, afetando gradativamente os brasileiros agravando a má distribuição de renda, ou seja: aumentou-se ainda mais a fome, desigualdade, desemprego, e violência, no país, havendo assim o agravamento da questão social. O evento neoliberal veio atrelado com a inversão especulativa, com o desemprego estrutural, com a debilitação do movimento sindical e com uma drástica redução dos salários, gerando, com isto, o aumento das desigualdades sociais a nível global. O Estado faz de tudo para não acrescentar qualquer complemento ao salário social afetando assim à assistência médica, educação, habitação, alargando, por consequência, a distância entre os que têm e os que não têm.

Dentro desse cenário e dessa visão de desigualdade, o trabalhador afronta-se com a precariedade e a exclusão, tornando-se mais vulnerável em todas as esferas da vida social, grupal e individual. (MARINHO, et al. 2016, p.10). É nítido que os ideais neoliberais iam de embate com as lutas da classe trabalhadora, ao mesmo tempo que buscava privatizar, cortar gastos, demitir; por outro lado a classe que vive do trabalho lutava por saúde e educação pública

e de qualidade, oportunidade de emprego, salários justos, menos violência, no entanto naquele momento somente agudizou-se a questão social.

4.5. O NEOLIBERALISMO NO SEMIÁRIDO NORDESTINO

O Brasil é reconhecido como uma forte potência econômica, porém não consegue amortecer as desigualdades sociais existentes em seu vasto território, devido seu caráter de dependência econômica histórica de países capitalistas desenvolvidos. O neoliberalismo e a globalização não contribuíram para acabar com a desigualdade social, que chega a níveis alarmantes no país, isto é, existe um reduzido número de pessoas e empresas capitalistas que constituem o seletivo grupo dos mais endinheirados, ao passo que boa parte da população vive abaixo da linha da pobreza, gente mal alimentada e desassistida socialmente. (MARINHO, et al. 2016, p. 02).

As diversas secas vivenciadas pelo solo nordestino dificultavam ainda mais a vida dos seus moradores, e todo cenário político-social que o país apresentava devido à chegada do neoliberalismo em 1970, refletia diretamente nas medidas que eram tomadas para amenizar os prejuízos causados pela seca. A economia do nordestino era ainda mais afetada, devido ao Neoliberalismo houve diminuição de investimentos dos recursos públicos na economia, gerando assim aumento na inflação.

Desde o final da década de 1970 as principais economias iniciaram um processo de transformação de suas plataformas político-econômicas. O processo que desembocaria na ascensão política da tradição neoliberal sobre seus Estados com a defesa de uma agenda sobre a qual o mercado seria capaz de comandar a vida do país, promovendo, assim, maior eficiência econômica, ganho de qualidade de vida e bem-estar geral da população. (OLIVEIRA; MARQUES, 2020).

O neoliberalismo e seca provocaram reflexos negativos no semiárido nordestino, porém a chegada da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), com o intuito de repartir os investimentos públicos entre as políticas setoriais aqui vigentes, isso fez com que aumentassem os recursos financeiros para obras, assim marcando um grande dinamismo naquele momento. Recordar-se que na seca de 1970 houve a proposta de industrialização no Nordeste, comandada pela GTDN, nesse sentido a SUDENE teve sua função associada como positiva para beneficiar comerciantes, bancos, indústrias, entre outras instituições financeiras, assim havendo uma nova estrutura com formato industrial no semiárido nordestino.

A intenção da industrialização do Nordeste era trazer melhorias economicamente para a população, assim diminuindo as mazelas como: fome, sede, mortes, doenças e dificuldades

de acesso à educação, porém essa proposta acarretou uma má distribuição de renda, ou seja: O Brasil foi beneficiado por essa industrialização, pois o capital gerado impulsionou de grande forma a do país inteiro, mas não beneficiou todos os nordestinos pois ainda constata-se um grande número de desemprego, e problemas na região que só se agravaram ainda mais com a seca que tiveram nos anos seguintes.

4.6. SÍTIO SÃO DIOGO NA CONTEMPORANEIDADE

O Sítio São Diogo atualmente se distingue totalmente do que era em 1990, em diversos aspectos; arquitetura, economia, educação e estilo de vida dos seus moradores. Após alguns anos os efeitos da seca apaziguaram por alguns momentos, a entrada dos homens no crediário mudou totalmente o estilo de vida e a economia local, com a abertura de uma nova escola de ensino fundamental em 1999, os moradores tem seu estilo de vida totalmente modificado. Vieirópolis que é a sede, conhecida como Serra Branca traz diversidade em seus dados: O município que foi criado pela lei no 5902 de abril de 1994 e instalado em 01 de janeiro de 1997.

De acordo com último censo do IBGE, a comunidade possui uma população de 4.672 habitantes, dos quais 2.322 são homens e 2.350 mulheres. Destes o número de alfabetizados com idade igual ou superior a 10 anos é de 2.374 o que corresponde a uma taxa de 61,9%. A cidade contém cerca de 1.132 domicílios particulares, dos quais um total de 335 possuem esgotamento sanitário, 394 são atendidos pelo sistema estadual de abastecimento de água e outros 133 com coleta de lixo. No setor de saúde o serviço é prestado por 03 unidade ambulatoriais. A educação conta com o concurso de 15 estabelecimentos de ensino fundamental.

A agricultura constitui a principal atividade econômica da comunidade. O total de empresas atuantes com CNPJ são em número de 7. (BELTRÃO, 2005. p. 3) A comunidade de São Diogo fica a 17km do município de Vieirópolis, a 30 km de Sousa, e a 20 km do Uiraúna, que são as cidades mais próximas e mais visitadas pelos que residem aqui. Encontra-se um total de 150 endereços , 107 domicílios particulares, 1 instituição de ensino, pois a primeira que teve aqui acabou com o desabamento do prédio, 1 igreja católica, mais outros 17 estabelecimentos com várias finalidades, a estimativa é que tenha 334 moradores na área, já a renda das famílias é algo que se diferencia bastante pois, algumas pessoas são aposentadas como agricultores,

outras trabalham na agricultura, na pecuária e também no crediário, mas no geral todos tiveram uma grande melhora em sua qualidade de vida.¹

Diferente da década de 1990, atualmente em 2022, as crianças e jovens frequentam a escola regularmente, uma boa parte da população jovem cursa ensino superior, e já existem muitas pessoas formadas em diversas áreas, em um local onde estudar era luxo, e se frequentava a escola para ter acesso a alimentação, o cenário mudou e houve grandes avanços onde a educação de qualidade deixa de ser apenas sonho e se torna real. A arquitetura do local muda totalmente do que foi descrito pelos moradores mais velhos, e o que se observa em algumas casas antigas que ainda resistiram ao tempo, encontra-se agora casas de tijolos, com uma bonita arquitetura, saneamento e água encanada, o local também conta com calçamento em uma boa parte, e 2 pontes em cima de riachos que dificultavam a passagem dos moradores em épocas chuvosas.

Quando a seca ameaça aparecer ainda preocupa os moradores, porém agora o sítio conta com diversidades de opções que está ao acesso de toda população, como: açudes, cisternas, poços artesanais e cacimbões. Sem dúvida a melhora nas condições climáticas, e aumentativas para a seca, e, a inversão no crediário modificou totalmente São Diogo e seu povo.

5. SEGMENTAÇÃO DO MUNDO DO TRABALHO E ATIVIDADE AUTÔNOMA

5.1. CONCEITO DE TRABALHO

O trabalho está presente na vida do homem desde sua origem, e seu conceito engloba diferentes áreas, mas a ação de trabalhar é compreendida como um exercício o qual se pratica com o intuito de obter sustento. A palavra trabalho vem do latim *tripalium*, termo utilizado para designar instrumento de tortura, ou mais precisamente, “instrumento feito de três paus aguçados, algumas vezes ainda munidos de pontas de ferro, nas quais agricultores bateriam o trigo, as espigas de milho, o linho, para rasgá-los e esfiapá-los” (ALBORNOZ, 1994, p.10).

Por muito tempo trabalhar era visto como uma punição, essa visão está ligada à época da escravidão, e a Grécia Antiga pois lá a atividade era desprezada por muitos, mas com o passar do tempo trabalhar tornou-se sinônimo de liberdade, crescimento pessoal, e independência; esses adjetivos revigoram-se principalmente no contexto do trabalho feminino.

¹SÍTIO SÃO DIOGO – Vieirópolis/PB. Informações do Brasil. Disponível em: <<https://informacoedobrasil.com.br/rua/pb/vieiropolis/sitio-sao-diogo+5356>>. Acesso em: 14 de fev. de 2022.

As ciências humanas é uma área que tem como seu principal objetivo de estudo analisar a fundo o ser humano em todos os seus ângulos, colocando assim o homem como seu objeto de investigação, fazendo com que assim conheça-se e entenda-se a história da sociedade de uma forma crítica. O trabalho nesse contexto é visto como parte primordial para a formação social e desenvolvimento do ser humano.

Já as ciências sociais engloba campos como: antropologia, sociologia e ciências políticas, fazendo assim análise dos desdobramentos vivenciados pela sociedade desde os primórdios, fazendo uma alusão a atualidade, mostrando assim as implicações que os ações executadas ao longo do tempo geraram na sociedade.

Essa ciência vê o trabalho como uma atividade física ou intelectual, pois exige esforço em ambas dimensões, sendo realizada com o intuito de mudança, seja uma mudança física no local o qual o esforço é aplicado, ou seja para obtenção de lucros e subsistência.

O trabalho caracteriza-se como elemento fundante do ser social. Será a partir do trabalho que o homem desenvolve-se e passam a conhecer as novas propriedades dos objetos materiais que poderiam ser percebidos pelos sentidos. Com base nessa afirmação, emerge-se a consciência, linguagem, liberdade e a ética que são os pontos de partida para o homem/mulher dar o salto ontológico, afastando-se de suas bases primitivas e passando-se a socializar, tornando-se então o humano genérico (ANTUNES, 2004).

O trabalho levou o homem a conhecer melhor a natureza e os objetos que dela derivaram-se, pois foi a partir do agrupamento de indivíduos e necessidades geradas pelo grupo, como por exemplo a fala, que faz com que o homem de um grande passo para sair de ser natural, para ser social; ou seja: a afirmação feita por Antunes (2004), de que o trabalho funda o ser social, torna-se ainda mais verídica ao constatar que a linguagem também é uma consequência do trabalho. Ao longo do tempo houve um desenvolvimento contínuo das habilidades humanas por meio do trabalho.

O trabalho é a fonte de toda a riqueza, afirmam os economistas. Assim é, com efeito, ao lado da natureza, encarregada de fornecer muitíssimo mais do que isso. É a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem. (ENGELS, 2004, p.11).

O trabalho por sua vez é conhecido como gerador de riqueza e valor, ou seja: o trabalho cria riqueza, e gera valor, como assim se imagina, porém estudando mais a fundo descobriremos que o que realmente gera riqueza é a venda da força de trabalho, porém quando o homem começa se desenvolver e gerar trabalho, ele jamais imaginaria que a ação

se tornaria tão importante o quanto é, o homem teve o intuito naquela fase de suprir suas necessidades no momento.

Contemporaneamente, pelo capital o trabalho é compreendido como um conjunto de atividades produtivas, que o homem exerce para atingir determinado fim. No entanto, o trabalho enquanto perspectiva ontológica é o processo de decisão de demandas particulares que minucia, com inúmeros olhares, um fim para as ligações diversas (MARX, 1982).

No decorrer do tempo, e de acordo com as necessidades dos homens, foram se produzindo novas formas de reprodução do trabalho, nesse contexto, a burguesia percebe que o que faz se gerar lucro é a exploração do homem, nota-se que a mercadoria produzida que sempre possui valor de troca, com isso os modos de produção são reinventados de acordo com as necessidades do momento.

5.2. OS TIPOS DE TRABALHO

O desenvolvimento das formas de trabalho acompanha as necessidades do homem, e a apropriação que o modo de produção capitalista faz das novas formas de reprodução acaba gerando a divisão social do trabalho, com o intuito de produzir bens materiais, e funções necessárias na vida dos seres humanos. Essa divisão também configura-se como selo do modo de produção capitalista que vigora na sociedade contemporânea, funcionando de tal forma onde ocorre a distribuição das atividades no setor de produção.

A divisão social do trabalho divide a sociedade entre ocupações, cada qual apropriada a certo ramo de produção; a divisão pormenorizada do trabalho destrói ocupações consideradas neste sentido, e torna o trabalho inapto a acompanhar qualquer processo completo de produção (HARRY BRAVERMAN, 1987, p. 72)

Quanto mais vezes o trabalhador repete a tarefa, com mais excelência ela passa a ser realizada, pois trata-se de atividades presente em toda sociedade, e a divisão social do trabalho tem o intuito de assim aumentar a produção e diminuir custos cada vez mais, havendo assim o aumento da produtividade, sucessivamente o aumento dos lucros para os detentores do meio de produção, porque geralmente o trabalhador é assalariado e não lucra mais que o salário fixo.

A divisão social do trabalho é aparentemente inerente à característica do trabalho humano tão logo ele se converte em trabalho social, isto é, trabalho executado na sociedade e através dela” (Braverman, 1981, p. 71-72).

O trabalho executado em grupo em uma fábrica, por exemplo, passa a fazer parte desse sistema, e a ação de execução das tarefas trazem os requisitos ali impostos, gerando assim

uma forma de trabalhar que é levado para fora do ambiente de trabalho, onde os homens vão procurar se dividir por grupos, igual é feito nesse sistema, onde a quatro divisões: divisão social do trabalho, 'divisão capitalista do trabalho, 'divisão sexual do trabalho'; e 'divisão internacional do trabalho. Dessa forma a classe trabalhadora fica acostumada a essa rotina no cotidiano, onde acabam ficando boa parte do dia sob controle dos capitalistas pelo excesso de pressão psicológica que sofrem ao praticar uma ação repetidamente, ficando assim desanimados em frente a burguesia

Os tipos de trabalho devem ser identificados junto à divisão social do trabalho e entre as classes sociais pertencentes à forma da produção de mercadorias da sociedade do capital. Esses tipos de trabalho que estão propostos são as variações que aparecem entre as profissões, categorias, operações, ofícios e funções dos funcionários empregados e na apropriação do resultado do trabalho (KAPRON, 2007. p. 20).

Podemos dizer que o trabalho apresenta concepções diferentes, e também acontece de diferentes formas onde os vínculos financeiros tem influência sob essas concepções, assim se apresenta os tipos de trabalho: produtivo e improdutivo, onde geralmente estão presentes em áreas como: agricultura, transportes, fábricas; pois o tipo de trabalho é encontrado é associado ao sistema o qual faz parte.

A mercadoria apareceu-nos, originalmente, como duas coisas: valor de uso e valor e troca. Mais tarde, mostrou-se que também o trabalho, quando se expressa no valor, já não possui os mesmos traços que lhe cabem como produtor de valores de uso. Essa natureza dupla do trabalho contido na mercadoria foi criticamente demonstrada pela primeira vez por mim (MARX, 2017, p. 119).

Toda matéria prima é objeto de trabalho para o homem, e o meio de trabalho é o que está entre o homem e a matéria prima, nesse contexto o objeto de trabalho se transforma em meio de trabalho, a partir da apropriação humana. Para entendermos melhor; imaginemos uma pedra, mas se o homem a pega e usa-a o ara rasgar a carne de um animal, essa pedra se transforma em meio de trabalho, pois na medida que o processo de trabalho se desenvolve, os produtos vão se convertendo em meio de trabalho, mostrando assim o quão a sociedade vem evoluindo.

A produção capitalista não é apenas uma produção de mercadorias, ela é essencialmente produção de mais valia. O trabalhador não produz para si, mas para o capital. Por isso não é mais suficiente que ele apenas produza. Ele tem de produzir mais valia. Só é produtivo o trabalhador que produz mais valia para o capitalista, servindo assim à auto-expansão do capital.

Utilizando um exemplo fora da esfera da produção material: um mestre- escola é um trabalhador produtivo quando trabalha não só para desenvolver a mente das crianças, mas também para enriquecer o dono da escola. Que este inverta seu capital numa fábrica de ensinar, em vez de numa de fazer salsicha, em nada modifica a situação. O conceito de trabalho produtivo não compreende apenas uma relação entre atividade e efeito útil, entre trabalhador e produto do trabalho, mas também uma relação de produção especificamente social, de origem histórica, que faz do trabalhador o instrumento direto de criar mais-valia (MARX, 1987, p. 584).

Para o modo de produção capitalista (MPC), o trabalho produtivo é entendido como aquele que produz diretamente mais- valia, permitindo assim que haja uma maior valorização do capital, assim o desenvolvimento do MPC o processo de trabalho passa a se realizar através do trabalho coletivo, onde a uma distribuição das atividades ali realizadas. É importante salientar também que todo trabalhador produtivo é assalariado, mas nem todos os assalariados são produtivos, salientando também que essa discussão acerca do trabalho produtivo e improdutivo só se dá em uma sociedade capitalista.

O trabalho produtivo aparece nas formas em que há a exploração do trabalho pelo capitalista, a produção de mais valia se dá a partir do trabalho excedente incorporado pelo capitalista. A mais valia está no processo de trabalho em que o capitalista se apropria após comprar a mercadoria força de trabalho em troca do salário. Ela está no lucro obtido e que não fica com o trabalhador empregado (KAPRON, 2007, p. 21).

Determinadas funções no campo de trabalho exercem cargos indispensáveis ao capital, mas mesmo assim não são considerados produtivos, também se coloca em questão que o mesmo trabalho pode produzir conteúdo idêntico e pode ser produtivo e improdutivo, pois em instância pública esse trabalho é considerado improdutivo; já em instância privada ele será considerado produtivo, devido gerar mais- valia.

Os dois tipos de trabalho, excedente e necessário, estão junto da divisão de classes e sua correspondente jornada de trabalho. No processo de trabalho o tempo da jornada está dividido entre o salário que o trabalhador recebe e na mais valia que o capitalista se apropria (KAPRON, 2007, p. 24).

O trabalho improdutivo é o contrário do produtivo, pois nele não se gera mais-valia, nem valor de troca, pois não há a apropriação do excedente de trabalho, na maioria das vezes esses trabalhadores têm o valor de seus serviços mais bem pagos, pois nem todas as funções importantes estão ligadas ao capital são trabalho produtivo, alguns exemplos são: trabalhadores do Estado, do fundo público, ou pessoas que trabalham no transporte de dinheiro, entre outras funções.

Merece ser salientado que o trabalho é também criação de novas necessidades e, neste sentido, um ato histórico. Ação de satisfazê-las e os instrumentos criados para a sua consecução desdobram-se em novas necessidades sociais e na produção de impulsos para o consumo (IAMAMOTO, 2001, p. 41).

Ao longo da história em que a sociedade foi se desenvolvendo, desenvolveram-se também necessidades; ao mesmo tempo que o homem ia inovando com suas criações, ele também se alienava nesse processo, pois muitas vezes o trabalhador não tinha acesso aquilo que era produzido por si próprio no ambiente fabril, nesse sentido o discurso da burguesia entrava em ação dando um impulso para que houvesse maior esforço e dedicação da parte da classe trabalhadora, os culpabilizando pelo fato de não acessarem a própria mercadoria por eles produzidas. É com as grandes inovações tecnológicas que o grande exército industrial fabril vem levando os capitalistas a crescerem, pois esse ambiente está sempre inovando com mudanças, e a organização do trabalho industrial.

5.3. REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA

A reestruturação produtiva é o vocabulário que se faz uso para designar o contexto de crescimento econômico sob a égide do fordismo, momento esse de amplas modificações ocorridas no ambiente fabril, e na forma que organizavam-se os trabalhadores, com o intuito de gerar transformações nas empresas. Esse processo caracteriza-se pela desregulamentação e flexibilização do trabalho.

Retomando historicamente há uma forte ligação entre os modelos fordista/taylorista e a reestruturação produtiva. O sistema Taylorista foi criado em 1911 por Frederick W. Taylor, que era um homem rico, mas que se submeteu a trabalhar em uma metalúrgica para tirar conclusões sobre os modos de produção; uma delas foi que todos os trabalhadores poderiam produzir mais se cortassem empecilhos da fábrica, como: material distante, conversas, etc.

Sendo assim Taylor criou o conjunto de princípios científicos para mostrar ao trabalhador de que forma poderiam produzir mais, a fábrica lucrar mais, porém iria haver mais exploração da classe trabalhadora, mas Taylor não sabia desse interesse da burguesia em sua ideia, então ele subdividiu as tarefas para que cada trabalhador fizesse somente uma atividade, enquanto o cronômetro marcava o tempo exato, assim descobriria a quantidade de trabalho ideal o qual não poderia ser pouco tempo para não atrasá-lo, nem demorado demais para não adoecer.

O propósito de Taylor era implementar seu método de forma que havia: treinamento dos trabalhadores, chefia numerosa e funcional, padronização de ferramentas e movimentos, sala de planejamento, gratificação para quem desempenhar melhor as funções, e fichas de

instruções. Assim o taylorismo foi formado com: subdivisão das atividades ao extremo, aproveitamento do tempo, e trabalhador moldado.

Já o sistema do fordismo foi criado em 1914 por Henry Ford. Henry apresenta em sua criação experiências de fábrica sendo influenciado pelo modo de produção de Taylor que já estava em vigor nas fábricas. O seu objetivo era que os carros se transformassem em objetos de consumo em massa, assim ele se aproveitou da fragmentação das atividades que já estavam a atuar, e adicionou uma esteira, assim a velocidade da produção dependia da esteira.

Nesse sistema cada atividade era feita por uma só pessoa, assim necessita-se de mais trabalhadores, porém como as atividades eram fáceis de serem exercidas, se tornava mais fácil também a demissão e substituição dos trabalhadores por haver grandes proporções de trabalhadores, havia também a formação de sindicatos.

Nesse sistema houve também a resistência dos trabalhadores, Ford então dobrou os salários e criou os recursos humanos. Porém, com o acirramento da concorrência internacional e a globalização da economia, a partir da década de 70 a nível mundial e do início dos anos 90 no Brasil, este padrão de acumulação de capital entrou em crise devido a fatores como a saturação do mercado de bens duráveis, a perda do poder aquisitivo, a entrada de novos países produtores, a formação de blocos regionais. Assim, começou-se a buscar novos padrões, novos modelos de organizações, para fazer frente a estes novos desafios de competitividade através dos quais as empresas poderiam sobreviver (SCHEFFER, S.d; p. 2-3).

Com o contexto de crescimento da economia sob a égide do fordismo, a partir de 1970 as condições que propiciaram a expansão do fordismo encontraram sérios limites, como: crise, instabilidade dos mercados, e capital financeiro. A reestruturação produtiva estava ancorada na observação de algumas experiências com caráter mais pontual: Suécia (GSA), Itália (TEC), Japão (Toyotismo) onde se trabalhava para produzir um modelo de organização do trabalho baseado no aumento da produtividade e na produção diversificada em pequena escala.

As empresas começaram então a passar, ou sentiram a necessidade de passar, por um processo de reestruturação produtiva que tende a dar origem a um novo padrão de acumulação de capital e de organização da produção, padrão este que vem sendo chamado pelos estudiosos de pós ou neo-fordismo, acumulação flexível, especialização flexível, modelo japonês, entre outras nomenclaturas. Empresários buscam, então, competitividade através de novas formas de ganhos de produtividade aliados à flexibilidade da produção, visando adequar o aparelho produtivo às novas exigências de um mercado de muita produção e pouco consumo, numa concorrência não só nacional mas principalmente internacional, com produtos de qualidade e

que estão em constante inovação. A capacidade de inovar em produtos e processos passou a ser elemento de diferencial estratégico para as empresas (SCHEFFER, S.d; p. 3).

Esse redirecionamento da produção pautava: diferença de modelos, qualidade de produtos (retrabalho), baixos preços finais (fábrica mínima), entrega rápida e precisa, dividir os trabalhadores (estáveis e temporários), e reduzir e alcançar as bases dos sindicatos. Essa transigência abarcava todas as instâncias: mercado de consumo, comércios, mercado de trabalho, relações de trabalho, entre outros.

Assim houve um arsenal de mudanças nas empresas, incluindo principalmente a administração, o bojo técnico, e a relação com as demais empresas parceiras. A reestruturação produtiva trazia à tona uma nova forma de se trabalhar, onde se buscava autonomia que se diz respeito a um mecanismo de parada de fluxo da produção a partir da instalação de dispositivos sonoros e luminosos que eram responsáveis por identificar falhas no processo. Como algumas das inovações tecnológicas nesse processo resultaram em: kanban (senha de comando) para que os trabalhadores pudessem controlar a quantidade de peças que precisava ser produzida, assim não geraria estoque; Kanban externo: fluxos de informações entre indústrias produtoras das mercadorias, e com as fornecedoras do mercado de trabalho; Just-in-time: princípios que visam produzir as mercadorias no tempo, quantidade, e momentos exato com intuito de otimizar a produção.

A reestruturação produtiva ocasionou diversos impactos sobre o mercado de trabalho de diferentes áreas, não pôde-se citar que ela afetou o mercado em âmbito mundial, pois nem todos os países e empresas adotaram a ideia de desencadear um novo processo de fabricação. Com o crescimento da produtividade, houve uma grande queda na taxa de empregos, criando-se assim uma fábrica “enxuta” onde se mantinha dentro do espaço fabril somente o necessário de máquinas e trabalhadores, precarizando mais ainda o trabalho com as terceirizações, portanto a reestruturação deixa como rastro inegável o desemprego, e a precarização nas relações de trabalho.

5.4. DEGRADAÇÃO DO TRABALHO

As crises e mudanças no mundo do trabalho são recorrentes na realidade contemporânea e no lugar do trabalho, tendo total ligação com o sistema capitalista que desde sua origem sobrevive de crises cíclicas, garantindo assim novas formas de dominação da classe trabalhadora, deixado assim explícito o controle do capital sobre o trabalho.

Com o afastamento do homem das barreiras naturais, e futuramente com o surgimento das grandes indústrias, acaba mostrando uma necessidade que é inseparável do capital, onde

torna-se nítido o agudizamento da degradação do trabalho que ocorre devido a divisão social do trabalho, sucessivamente degradando também o estilo de vida da classe trabalhadora.

Dessa forma, compreendemos que o desenvolvimento do capitalismo global em sua fase monopolista, guiado pelas corporações transnacionais, representa contradições cada vez mais evidentes na relação capital/trabalho, expressas na degradação do trabalho e do trabalhador inserido na atual ordem sociometabólica. Isso porque, a empresa capitalista, em sua busca crescente pelo lucro, “não deve ignorar o fato de que um monopolismo global bem-sucedido também teria de inventar uma força de trabalho, perfeitamente obediente, aceitando com satisfação ser dominada pelo poder global hegemônico” (MÉSZÁROS, 2002, p.242).

Com a industrialização o ambiente das fábricas torna-se cada vez mais moderno e menos necessita da mão de obra humana, o que fez com que se torna-se mais dificultoso o trabalho humano, as tarefas eram de fácil execução, porém simples erros poderiam gerar danos como: multas, ou demissões; assim o sistema capitalista continuava a crescer mesmo em tempos de crises, onde eram encontradas soluções forjadas onde o trabalhador que sofria as consequências. A degradação do trabalho na sociedade capitalista é algo enraizado desde seus primórdios, porém, há uma grande evolução nas formas de acumulação e exploração desse sistema, colocando cada vez mais em cheque o agravamento das condições de trabalho e o bem-estar da classe trabalhadora.

5.5. TRABALHO INFORMAL

Trabalho informal é a categoria que envolve diversos tipos de trabalhadores, tanto no sistema privado, e também em atividades que são exercidas sem carteira assinada, ou sem registro de CNPJ (cadastro nacional de pessoa jurídica). Essa categoria de trabalho cresce exponencialmente no Brasil, alguns exemplos que mais se destacam entre os trabalhadores são: vendedores, motoristas de aplicativo, entregadores de aplicativo, todos sem CNPJ, e empregados sem carteira assinada.

As principais linhas teóricas conceituais sobre o trabalho informal, encontradas na literatura, revelam que a economia informal é uma noção cujas fronteiras sociais e econômicas em constante movimento não podem ser capturadas por uma definição estrita. Diferentes conceitos ou definições de trabalho informal são adotados nas análises econômicas, observando-se que as transformações nas definições decorrem das mudanças conjunturais e estruturais pelas quais vêm passando as economias no decorrer do tempo, no processo de (sub) desenvolvimento (BRAGA, 1999)

A classe de trabalhadores informais brasileiros vêm crescendo cada vez mais ao longo do tempo, e torna-se arcaico lhe dá com essa modalidade como se fosse somente um eufemismo para a população mais pobre, ou como uma ferramenta de ajuste entre oferta e demanda, no entanto essa categoria possui vantagens e desvantagens; algumas das desvantagens é a falta de segurança trabalhista devido à falta de carteira assinada, a renda incerta, seguro desemprego, FGTS, entre outros direitos; e vantagens como: grande opções de empregos, retorno quase que imediato do investimento, flexibilidade no horário, grandes chances de se ganhar mais que um salário mínimo.

Essa categoria de trabalhadores deriva-se das transformações que o mundo do trabalho vem sofrendo desde o início da acumulação flexível, que foi sucedida da globalização, o que deixa o mundo mais moderno e industrializado fazendo com que se necessite menos da mão de obra humana, gerando assim um agudizamento no desemprego estrutural, contudo o conceito de informalidade modifica-se de acordo com as transformações que a categoria vem sofrendo dentro de cada espaço de tempo.

Segundo esta abordagem, a inter-relação entre o setor formal e informal define complementaridade e concorrência como características fundamentais, sendo o setor informal não completamente integrado nem completamente autônomo, porém conserva um grau significativo de relações com o resto da economia, sem perder a autonomia. Este conceito implica em que o setor teria possibilidade de assegurar trabalho para o excedente da mão-de-obra que desejasse ingressar no setor e a variável de ajuste seria a renda média das pessoas ocupadas, que flutuaria “entre um nível mínimo de subsistência e o nível em que se encontrem alternativas de trabalho” (SOUZA; TOKMAN, 1976).

Salienta-se que há grandes diferenças entre os dois setores: formal e informal, algumas delas são: No setor formal o trabalhador é assegurado devido ter sua carteira de trabalho assinada, e registro profissional, isso destina a somar pontos em comparação a informalidade, pois esse profissional terá direito a férias remuneradas, licenças médicas remuneradas, décimo terceiro, indenizações a depender do caso, o que deixa esse trabalhador mais seguro. Já o trabalhador informal não tem nada disso, pois não há o vínculo entre empregador e empregado, sucessivamente esse trabalhador não está assegurado em casos cotidianos como: acidentes, férias, gravidez, entre outros benefícios previstos na consolidação das leis trabalhistas, além disso existe uma série de trabalhadores informais ainda mais precarizados como por exemplo os entregadores de aplicativo.

É por meio da precarização das condições de existência que grande parte daqueles que sobrevivem venda da força de trabalho acabam passando a sofrer situações onde se

tornam invisíveis economicamente, assim flexibilizando ainda mais as relações de trabalho, onde o capital se reorganiza reinventando novas maneiras de explorar o trabalhador, havendo ali a desresponsabilização do Estado sob os direitos, o que será mais proveitoso para os grandes capitalistas devido à fragilização que o trabalhador ali se encontra em virtude a falta de direitos.

Um importante indicador dessa precarização é a evolução do número de acidentes de trabalho no país, mesmo que reconhecidamente sejam estatísticas sub-registradas. Em 2001, foram registrados 340,3 mil acidentes no país e, em 2009, eles atingiram o número de 723,5, ou seja, um aumento de 126% em 9 anos. É interessante observar que, a partir de 2007, o INSS passou a contabilizar os acidentes sem registro no Cadastro de Acidentes do Trabalho (CAT), que representaram para cada um dos últimos 3 anos (2007, 2008 e 2009) 27% do número total de acidentes. (DRUCK, 2011, p. 49).

Muitíssimas vezes a classe que vive do trabalho está em condições tão agudizantes que se torna forçado a se submeterem a postos incrédulos de trabalho devido à grande pressão para manter a renda familiar, passando assim a atuar em ambientes inapropriados sujeitos a acidentes, a se submeterem a longas jornadas de trabalho, além de zero acesso à direitos, gerando assim sucessivamente uma perda de identidade visual, onde o trabalhador apenas está ali em busca de sua sobrevivência, gerando grandes riscos de adormecimento mental devido a atividade precária, ou quando o trabalhador vive de “bicos”, ou de trabalhos temporários. Grande parte dos trabalhadores informais também estão inseridos dentro de negócios familiares, ou seja: são uma sucessão dos postos de trabalho que outros membros da família vem exercendo durante anos, essa estrutura é muito comum em São Diogo, onde a agricultura, pecuária, e crediário são passados de geração em geração.

6. ATIVIDADE INFORMAL NO SÍTIO SÃO DIOGO

Historicamente o setor informal está presente em quase todas as bases das famílias regionais de São Diogo. População simples e sem acesso à educação de qualidade, a agricultura familiar sempre foi a solução para se sobreviver aos tempos difíceis, sobretudo os de estiagem na década de 1990, a população não via mais saída somente na agricultura pois tornava-se dificultosa demais a plantação e a colheita devido a grande falta de chuvas na região. No conjunto familiar poucas das mulheres trabalhavam fora, somente aquelas que eram professoras no pequeno grupo escolar que ali existia, e as filhas dos agricultores; jovens ainda solteiras trabalhavam em casas de família, mas somente em troca de alimentação ou alguma peça de roupa. Atualmente a realidade das jovens da comunidade distorce o passado, pois todas já têm

a possibilidade de ter acesso à educação, e não vivem mais em um cenário onde a mulher tem somente que cuidar do lar e da família.

O trabalho informal se enraizou nessa população desde 1990 até hoje, sem saída para sobreviver ao período de estiagem, somente a agricultura não era eficaz para manter o sustento do lar, então a população masculina de São Diogo buscou uma nova saída ainda dentro do comércio informal que foi a venda de crediário, em alguns casos conciliada com a pecuária, devido aos empréstimos que o governo oferecia na época para que a família comprasse os animais e usassem o leite para complementar a alimentação.

Ao passar dos anos os homens dessa região notaram que daria para conciliar mais de uma atividade informal, então quando chovia no sertão trabalhavam no roçado, e em períodos de estiagem os que tinham animais cuidavam do gado e trabalhavam nos centros urbanos como vendedores ambulantes, quem não tinha animais atuava somente no crediário. O trabalho autônomo tornou-se referência ao se falar de São Diogo, mostrando o quanto a população cresceu financeiramente ao longo da trajetória de 1990 a 2022, sendo passado de geração em geração tornando-se um negócio familiar a agricultura e o crediário.

6.1. MODALIDADES DE TRABALHO

A agricultura é o conjunto de práticas e técnicas desenvolvidas militarmente para se fazer o cultivo de alimentos no solo, para o consumo humano; já o crediário de ambulantes é uma sistema de financiamento de vendas, onde o crédito concedido é pago por meio de prestações.

A junção das duas atividades englobam o conjunto de atividades informais realizadas em São Diogo, pela população masculina, porém essas atividades crescem também em âmbito nacional e mundial. A agricultura familiar emerge, portanto, do modelo camponês que possui como algumas características básicas de seu conceito clássico: acesso a terra, seja em forma de propriedade, seja mediante algum tipo de usufruto; trabalho predominantemente familiar, o que não exclui o uso de força de trabalho externa, de forma adicional; auto-subsistência combinada a uma vinculação ao mercado, eventual ou permanente; certo grau de autonomia na gestão das atividades agrícolas, ou seja, nas decisões sobre o que e quando plantar, como dispor dos excedentes, entre outros (CARDOSO, 1987, p. 56; *apud* ALTAFIN, 2007, p.2).

Apesar que a política agrícola brasileira não ofertar tanto apoio a agricultura familiar, pois a agroexportação tem uma grande importância para o capital financeiro do país, os esforços feitos pelo governo com intuito de incentivar a agricultura familiar foram: crédito rural, energia elétrica, água encanada, construção de cisternas e açudes, e algumas políticas como: bolsa

família, previdência social rural, e o programa nacional de fortalecimento a agricultura familiar; enfim esses programas fornecem apoio e melhora as condições de vida desses trabalhadores. Segundo a lei 11.326/2006 denomina-se de agricultor familiar aquele que semeia em solo rural, e possui uma área de até quatro módulos fiscais, e faz uso da mão de obra de sua própria família, dentro desta denominação inclui-se também indígenas, pescadores, quilombolas, entre outros.

A economia brasileira tem grandes avanços derivados desse modo de produção. De acordo com o último Censo Agropecuário, a agricultura familiar é a base da economia de 90% dos municípios brasileiros com até 20 mil habitantes. Além disso, é responsável pela renda de 40% da população economicamente ativa do País e por mais de 70% dos brasileiros ocupados no campo. A agricultura familiar ainda produz 70% do feijão nacional, 34% do arroz, 87% da mandioca, 46% do milho, 38% do café e 21% do trigo. O setor também é responsável por 60% da produção de leite e por 59% do rebanho suíno, 50% das aves e 30% dos bovinos.²

Enfim é inegável a importância da agricultura familiar para o capital brasileiro, tendo em vista que ela é a base da alimentação mundial, pois a maioria dos alimentos consumidos nas mesas são produzidos nesse sistema, por isso é de extrema relevância os programas de incentivo aos produtores rurais. O crediário de ambulantes trata-se de um sistema de vendas feito de porta em porta, ou com tabuleiro, ambos em locais públicos, onde o crediário concede crédito por meio de confiança direto ao consumidor, dividido em parcelas, esse sistema fica famoso devido a divulgação feita em conversas informais cotidianas. Assim é notório o crescimento desse mercado de trabalho que agrupa pessoas as quais buscam saídas às crises do capital, e ao desemprego estrutural acometido no país. Nas décadas de 1980 e 1990, o comércio ambulante era sinônimo de problema. Isso porque era reflexo da falha na organização da relação da cidade com o mercado de trabalho.

Os ambulantes, nesse período, não eram vistos como vendedores e sim como desempregados que lutavam por sua sobrevivência e, até mesmo como “vagabundos” e desocupados (HIRATA, 2014). Esse mercado de trabalho ganha mais notoriedade em meio às crises, pois é visto como uma saída para a falta de emprego, e trazem resultados rápidos financeiramente, porém traz também uma renda incerta, e desproteção social. Na década de 1980 e 1990 eram vistos como problema esses trabalhadores pois as legislações tratam em se

2

SEAD. Agricultura familiar do Brasil é 8ª maior produtora de alimentos do mundo. Contraf Brasil. 12 jun. 2018. Disponível em: <<https://contrafbrasil.org.br/noticias/agricultura-familiar-do-brasil-e-8-maior-produtora-de-alimentos-do-mundo-d4f2/>>. Acesso em 19 de Jun. De 2022.

preocupar com os espaços públicos, ao invés de com as leis trabalhistas. Nas décadas de 2000 e 2010, aumenta a evidência do empreendedorismo no comércio ambulante.

Os vendedores mudaram de ofensores para empreendedores, obtendo acesso ao crédito e havendo melhora na segurança. O Governo passou a ver o “problema” como uma oportunidade de negócio, não só para a movimentação da economia como também pela inserção de pessoas no mercado de trabalho (HIRATA, 2014). Assim esses trabalhadores passaram a serem aceitos com uma nova identidade, atualmente trabalhadores informais ou autônomos, porém não deixam de estarem trabalhando por conta própria e desprotegidos pelas leis trabalhistas, porém com alguns incentivos de créditos como empréstimos para esses trabalhadores.

6.2. O COTIDIANO DO TRABALHO AUTÔNOMO EM SÃO DIOGO E A SECA DE 1990

Esse capítulo traz como principal objetivo dissertar sobre o trabalho agrário no sertão paraibano especialmente na década de 1990 onde ocorreram acontecimentos marcantes que acabou levando a população rural do sítio São Diogo a buscar complementar sua renda com uma nova atividade autônoma, assim passando a dividir seu tempo entre agricultura e crediário de lâmpadas e aparelho.

Esse capítulo se fundamenta em informações apanhadas a partir da pesquisa de campo realizada pela autora, onde todo apanhado histórico narrado pelos entrevistados estará descrito no capítulo em formato de tópicos onde narra realidades e fatos marcantes trazendo uma alusão histórica, e a presente realidade, de modo que a pesquisadora tece reflexões acerca dos resultados obtidos.

Ademais, será descrito no capítulo informações sobre os entrevistados, como: gênero, faixa etária de idade, atividade laborativa, e raça.

6.3. OS SUJEITOS DA PESQUISA

A pesquisa de campo foi realizada com moradores locais do Sítio São Diogo, como cerca de mais de 90% da população são-dioguense é composto por crediáristas e agricultores, foram escolhidos o número de cinco pessoas para serem entrevistadas, cinco do sexo feminino, e cinco do sexo masculino, todos os participantes vivenciaram na pele a realidade da seca de 1990, e vivem na comunidade até os dias atuais.

A pesquisa foi aplicada por meio de questionários com perguntas discursivas, com o intuito de descrever a realidade vivenciada no período de estiagem, nas respostas os

sãodioguense puderam ficar à vontade para expor suas narrativas acerca de suas histórias de vida durante o longo período de estiagem vivenciado no semiárido nordestino. Segue abaixo quadro de identificação dos entrevistados:

QUADRO DE IDENTIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

| SEXO | IDADE | OCUPAÇÃO PROFISSIONAL |
|-------------|--------------|------------------------------|
| FEMININO | 85 | APOSENTADA |
| FEMININO | 62 | APOSENTADA |
| FEMININO | 70 | APOSENTADA |
| FEMININO | 76 | APOSENTADA |
| FEMININO | 55 | APOSENTADA |
| MASCULINO | 86 | APOSENTADO |
| MASCULINO | 60 | AGRICULTOR E CREDIARISTA |
| MASCULINO | 66 | APOSENTADO |
| MASCULINO | 58 | AGRICULTOR E CREDIARISTA |
| MASCULINO | 49 | APOSENTADO |

Dos entrevistados do sexo masculino contam com uma faixa etária de idade entre 49 a 86 anos; todos residem no Sítio São Diogo desde 1990 até os dias atuais, todos são autônomos e atuam/atuaram como agricultores e crediарistas, somente um dos entrevistados é aposentado por tempo de trabalho, e um outro devido a questões de saúde passou a viver com a renda do benefício de prestação continuada, mas que até cerca de um ano atrás trabalhava como autônomo. As entrevistadas do sexo feminino a faixa etária de idade fariam entre 55 a 85 anos, das cinco entrevistadas todas são donas de casa, e aposentadas por tempo de trabalho como agricultoras. Todos os entrevistados se identificaram como de cor parda.

Foram realizadas dois tipos de entrevistas com roteiro estruturado; a feminina (apêndice 2), e a masculina (apêndice 3), com o consentimento das entrevistas fazendo uso do termo de livre esclarecimento (apêndice 1), optou-se por não utilizar-se os nomes os nomes reais dos participantes, e sim fazer uso de nomes fictícios para assim manter-se em sigilo e assegurar os cuidados éticos da pesquisa.

O questionário para o público masculino conta com um número maior de perguntas que o feminino, assim justifica o fato de que as entrevistas para os homens acabaram gerando um número maior de conteúdo, também pelo fato deles terem atuado em ambos os espaços de trabalho como autônomos durante um grande espaço de tempo, enquanto as mulheres se mantiveram na mesma atividade durante o decorrer dos anos. Com a pesquisa buscou-se realizar uma análise ampla acerca das histórias desses sertanejos vivenciadas no semiárido nordestino.

6.4. A VIVÊNCIA DA SECA DE 1990 NO SEIO DA AGRICULTURA FAMILIAR

Os resultados da pesquisa possibilitaram analisar de forma ampla a agricultura familiar realizada pelos moradores no seio de cada família, bem sabendo que a agricultura familiar tem desenvolvido diversas estruturas produtivas devido aos incentivos governamentais presentes no campo desde o início das secas cíclicas no seminário nordestino.

A agricultura familiar emerge, portanto, do modelo camponês que possui como algumas características básicas de seu conceito clássico: acesso à terra, seja em forma de propriedade, seja mediante algum tipo de usufruto; trabalho predominantemente familiar, o que não exclui o uso de força de trabalho externa, de forma adicional; autossustentação combinada a uma vinculação ao mercado, eventual ou permanente; certo grau de autonomia na gestão das atividades agrícolas, ou seja, nas decisões sobre o que e quando plantar, como dispor dos excedentes, entre outros (CARDOSO, 1987, p. 56; *apud* ALTAFIN, 2007, p.2).

A agricultura familiar possui extrema importância para a população de São Diogo, destacando-se enquanto atividade laborativa mais praticada da região, e principal fonte de subsistência, onde acaba impulsionando a economia local, reproduzindo mais mão de obra, e a geração de mais renda.

Todavia na seca da década de 1990 a agricultura familiar acaba se tornando uma atividade extremamente árdua para os sertanejos, e a fonte de renda fica quase que esgotada, onde os entrevistados relatam que as coisas eram muito difíceis:

Eu trabalhava na roça com um “caco” de inchada, eu ia cavar e depois plantar feijão, milho e algodão, colocava dois três caroços de milho, três caroços de algodão, três de feijão, não pude estudar, era mobral essa época, aí mamãe e papai não pode dá estudos porque era pobre, aí eu vinha a noite da roça cansado e ia pro mobral, aí a gente ia pra escola e as professoras ia pra escola e dizia: que letra é essa Francisco Abrantes? Aí eu vi no tijolo, aí dizia: tijolo. (ABRANTES, 2022)

A vida era a mesma igual nas outras secas, trabalhando, nunca parei de trabalhar, procurava um pedacinho de mato e me entretia, uma cova de jerimum, de melancia. Tudo era difícil! (BENEDITO, 2022)

Sofreu todo mundo, só vivíamos na roça trabalhando eu e meu esposo, mas não dava nada só daqui ali tirava uma vasilhinha de feijão (SARMENTO, 2022)

Indo em total contraponto com a atual realidade que aqui ainda será destacada, a agricultura familiar continha diversas problemáticas onde as maiores se encaixavam no seio econômico devido à falta de chuvas que era um dos principais atributos para que a atividade pudesse ser realizada com sucesso, contanto também com ineficácia a má distribuição de recursos das políticas de emergência que tinham diversos interesses políticos e governamentais

por trás de sua verdadeira face, assim limitando esses sertanejos a um estilo de vida muito abaixo do necessário para sobreviver, onde não havia-se recursos suficientes para a sobrevivência da família de forma íntegra.

Os sãodioguenses relatam bastante em suas falas sobre as políticas governamentais, onde mesmo que ineficazes, ainda sim era uma ajuda a sobrevivência da miséria que os assolavam.

A seca estava grande, trabalhava nos açudes, o feitor oferecia esse emprego, mas era muito pouco para sustentar a família, e não era sempre. Arrumava também os empréstimos, aí comprava uma vaquinha de onde tirava o leite e ia vivendo. (BENEDITO, 2022)

Em 1990 nós vivemos uma seca aí nós plantamos e não deu nada aí fomos se alistar, trabalhar na emergência que se não me engano era de Wilson Braga, nós recebíamos o dinheiro lá e fazíamos a feira, sobrevivia do dinheiro da emergência do governo. (NONATO, 2022)

Todo mundo buscou se empregar pelos empregos que o presidente dava construindo açudes, barragens, e recebia a feira pela emergência, passei muita dificuldade, meus filhos não puderam estudar porque foram trabalhar pra não morrer de fome, e pegar a feira da emergência lá na rodagem. Vinha feijão preto, dois kg de arroz, uma rapadura, um pacote de macarrão, isso no mês aí tinha que se virar. (MELO, 2022)

As frentes de emergência eram programas executados pelo governo, chamados de “emergência” pelos entrevistados, o programa entrava em ação nos momentos mais críticos de seca realizando obras em propriedades, onde os trabalhadores rurais que haviam perdido suas lavouras tinham que participar do programa, devido à seca da década de 1990 as frentes de emergência tiveram que atuar na área do semiárido nordestino onde acabou abrangendo a população sãodioguense, foi destinada pela frente produtiva mais de 600.000.000 em dinheiro para amenizar as mazelas causadas pela seca, ajudando a amparar essas famílias.

Essas políticas passaram a entrar em vigor principalmente na década de 1990 devido os sertanejos terem um grande histórico de sofrimento e falta de atenção governamental diante das secas. As políticas públicas aqui aplicadas tinham como intuito encarregar-se das maiores dificuldades que assolavam as famílias que viviam da agricultura.

A realização dessas políticas é de forma ímpar, pois elas apoiam-se em análises individualizadas de acordo com cada região, e levando em consideração as especificidades de cada local e trabalhadores ali que o compõem, fazendo assim a adequação da política a cada localidade.

A articulação dessas políticas para o desenvolvimento rural mesmo em meio às secas não se deram de forma tão simples, pois como foi destinado um grande número de recursos para a região acabou que gerou-se interesse político na região, se tratando de uma população rural

onde todo mundo se conhece, as políticas muitas vezes se passaram como favores ou ajudas dos governantes, onde muitos da população até hoje carregam consigo a gratidão pelo emprego nas construções de barragens, açudes, ou empréstimos realizados, deixando explícito em suas entrevistas que apesar de pouca a ajuda que chegava era de extrema importância naquele momento, além de todo sofrimento para conseguir ter acesso a essas políticas pelo fato que havia que se locomover até outra localidade, e enfrentar enormes filas enfrentando um dia inteiro no sol, sede e fome, deixando assim explícito que os tantos problemas políticos e sociais que assolavam a região grande parte derivou-se do interesse de políticos e governantes na área.

As medidas neoliberais que entravam em vigor no país também assolavam a economia mundial, mesmo o Brasil tendo sido o último país a adotar a política econômica, de tal maneira que os sertanejos não faziam ideia que o novo liberalismo imperava no país, porém sofriam com as consequências que espelhavam na economia mundial, as medidas eram tais como: privatização das estatais, desresponsabilização e pouca participação do Estado, adoção de medidas contra o protecionismo econômico, livre circulação de capital, terceirização de trabalhadores, e corte nos funcionários públicos; conseqüentemente havendo um grande aumento na taxa de desemprego do país e sucessivamente uma elevação na linha de pobreza.

6.5. A INSERÇÃO EM UMA NOVA MODALIDADE DE TRABALHO AUTÔNOMA: O CREDIÁRIO

Com as mudanças em solo Nordeste devido à grande seca que aquela população estava enfrentando com diversas dificuldades que os assolavam, e as mudanças econômicas que o país enfrentava devido às medidas neoliberais, a população masculina são-dioguense resolveu então ir em busca de uma nova fonte de renda, tendo como estopim as dificuldades e a peste besouro bicudo que atacou as plantações de algodão que mesmo sem tantas chuvas ainda sim desabrocharam.

Depois da seca acabou-se o algodão que era o ouro branco do Brasil, aí no Nordeste a gente plantava algodão na seca, mas com a chegada do bicudo nós não tínhamos mais trabalho do algodão pois se acabou-se o algodão e acabou-se foi tudo. (SILVA, 2022)

O entrevistado conta da peste do besouro bicudo que devastou com toda plantação de algodão juntamente com a enorme seca que enfrentavam deixando assim o cenário seco e devastado, com aspecto triste e ainda mais quente em condições climáticas pela falta de árvores para ventilar a região, as demais entrevistas deixa explícito que o crediário foi uma rede em que aos poucos todos estavam envolvidos.

Naquele tempo quando apareceu as vendas dos aparelhos, eu vi meus irmãos indo e já estavam treinados aí eu fui e eles me ensinaram. (ABRANTES, 2022)

Toda seca foi ruim, mas eu sempre fui trabalhador pegava serviço alugado, fazia tudo pra dar conta da família, aí o crediário foi uma onda boa danada que eu peguei rapaz, foi na época que construíram aquela escola, aí trabalhei uns 10 anos vendendo crediário. (SOUSA, 2022)

Porque chegava a seca aí nós fazíamos a roça e depois não tinha o que fazer, não tínhamos nada, aí apareceu umas viagens aí fomos trabalhar na seca, mas no inverno nós estamos na agricultura (SILVA, 2022)

De acordo com SILVA (2003), as instituições do mercado de trabalho no Brasil jamais alcançaram universalmente as massas trabalhadoras e constituíram um conjunto muito pobre de direitos. Onde uma parcela considerável da população nunca conseguiu adentrar no mercado de trabalho formal, uma parcela dos que foram mais atingidos foram os trabalhadores rurais.

No discurso dos entrevistados mostra-se nítido que ele e os irmãos não tiveram oportunidade de dar continuidade e ir mais longe nos estudos, assim essa parcela de trabalhadores rurais e demais categorias urbanas não tiveram como acompanhar a industrialização e trabalhar na área, assim ficaram à mercê de atividades informais. Os trabalhadores relatam que a agricultura era sua atividade informal desde a infância então não tiveram tantas dificuldades, mas ao ir vender crediário nos grandes centros urbanos sentiram grande dificuldade devido a necessidade de maior comunicação.

Achei muito diferente, quando fui vender eu não sabia vender não, eu era todo ariado, oferecia aí a mulher não me comprava, mas comprava a outro; só por causa que me faltava conversa, mas aí eu fui e aprendi, aí só parei quando adoeci de câncer. (SOUSA, 2022)

Andei vendendo crediário, comecei ganhando mixaria, sofrendo muito no sol, carregando peso para melhorar as coisas em casa, vendi caçarola, kit de alumínio, mas fui aprendendo com os que já vendiam. (BENEDITO, 2022)

Mesmo com as dificuldades enfrentadas com a recém chegada da nova modalidade de trabalho autônomo esses trabalhadores ainda sim encontram uma melhoria de vida financeiramente, e um maior conforto nas condições de trabalho.

6.6. AGRICULTURA FAMILIAR E PARTICIPAÇÃO FEMININA.

Como já conceituada a agricultura familiar expressa as divisões de produção rural, e divisões do trabalho entre o grupo familiar, cujo o resultado final da produção tem como intuito a própria subsistência, esse modo de produção tem como centro a mão de obra dos membros da família.

A agricultura familiar dá permissão para que possamos fazer uma série de apanhados e análises enquanto conceito de trabalho, mas para fundamentar esse conceito é necessário se atentar à dimensão da propriedade, no serviço empregado, na condução do trabalho, e no faturamento gerado pela produção familiar, podendo haver mão de obra remunerada de terceiros, e sendo gerenciada pela própria família.

[...] suas possibilidades de reprodução estarão condicionadas por um duplo movimento: de um lado, impõe-se o movimento geral do desenvolvimento capitalista na agricultura, que passa a reger cada vez mais as lógicas internas da organização da unidade de produção familiar, imputando a ela as determinações do mercado e da valorização do capital; por outro lado, a agricultura familiar está sujeita a fatores internos específicos da própria unidade produtiva e de sua lógica familiar, cujos condicionantes estão na composição familiar e onde os papéis de gênero e geração revelam os impasses presentes nas estratégias de reprodução social dos agricultores. (BRUMER; WEISHEIMER, 2006, p. 204).

A agricultura familiar enfrenta diversos desafios em diferentes planos, desafios esses que partem da política econômica capitalista a qual vigora no Brasil, além das dificuldades derivadas dos fenômenos naturais como a seca, assim se torna uma incerteza a possibilidade de sustentação de uma renda mensal que ofereça segurança, qualidade de vida e conforto, no entanto cabe ao gestor familiar organizar e montar estratégias para sobreviver em meio às incertezas, como foi feito no Sítio São Diogo, para assim enfrentar as mudanças ocorridas no contexto da reprodução do trabalho agrícola.

O capitalismo, desde o trabalho industrial, desenvolveu formas de ampliar os seus lucros pela exploração máxima da força de trabalho que reside nos corpos de trabalhadores e trabalhadoras. Primeiro na época da revolução industrial, levando ao limite o uso da capacidade física em longas jornadas de trabalho. Depois, no começo do século XX, desenvolveu métodos “racionais” de disciplinamento do corpo de trabalhadores e trabalhadoras na produção e na reprodução (SILVA, C; ARANTES, R; FERREIRA, V, 2012. p.61).

Nesse contexto deve ser destacado como de extrema importância e valorização o trabalho feminino na agricultura, salientando que as entrevistadas são além de agricultoras, também donas de casa, nesse sentido deve-se destacar que o sistema capitalista e o patriarcado exploram o trabalho feminino de ambas formas; na agricultura, pois o trabalho feminino geralmente é subentendido como “ajuda”, e no lar onde seu trabalho é entendido como obrigação por ser mãe e esposa, assim as saodiogueses entrevistadas destacam em suas falas os motivos pelos quais também não foram inseridas no crediário que era nova modalidade de trabalho autônomo:

Porque as mulheres não tinham dinheiro pra botar crediário também, aí tinha que continuar em casa cuidando da família, pisando arroz, por aí... (PEREIRA,2022)

Não podia, tinha condições para isso não, tinha que levar a comida na roça e cuidar dos filhos pequenos. (MELO,2022)

Nessas falas tornasse explícito que a renda familiar era administrada pelo chefe da família, que na maioria das localidades rurais onde se imperava o patriarcado, o homem comandava a família, assim tomando as principais decisões, por isso as mulheres acabaram ficando à mercê do desejo masculino, que era acompanhado de uma proteção, por achar o crediário perigoso e desafiador para as mulheres, assim as saodioguenses acabaram permanecendo em seu trabalho autônomo como agriculturas e donas de casa.

O patriarcado atribui ao homem a responsabilidade de realizar tarefas no mundo público, fora do espaço doméstico, considerado mais importante para o sustento e a sobrevivência da família; enquanto que à mulher é estabelecido como espaço legítimo a casa, o mundo privado, o encargo pela reprodução biológica e espiritual do núcleo familiar, a manutenção da moral, das tradições e costumes através da naturalização de seu papel de mãe e esposa (TEDESCHI, 2009)

Nesse contexto deve se refletir a figura feminina na realidade vivenciada na década de 1990, era colocado pelas entrevistadas que elas faziam o trabalho considerado como o fácil ou mais simples, como: distribuir as sementes nas covas, levar o almoço para os homens da família que estavam no roçado, , moer milho, carregando água, e cuidar das atividades domésticas; enquanto os homens ficavam encarregados dos cuidados em geral com o gado, limpar os matos, arrancar os tocos, brocar, e demais atividades que exigiam maior força física, assim na época era considerado que o trabalho produtivo era realizado pelo homem, e o improdutivo pela mulher devido às atividades realizadas pela mão de obra feminina não gerarem retorno financeiro.

A atividade feminina começa bem mais cedo que as demais atividades realizadas por todos da casa, pois seu papel se estende como de filha, mãe, esposa, dona de casa e agricultora, cuidando assim para que os demais familiares tenham melhores condições de realizarem suas atividades ao decorrer do dia, porém as próprias mulheres entrevistadas inseridas no sistema patriarcal denotam suas atividades como se fossem obrigações, assim como aprenderam em seu seio familiar, e assim sucessivamente ensinou a suas filhas, e se passou de geração em geração, formando assim em São Diogo uma sociedade com núcleo patriarcal.

O trabalho feminino realizado na agricultura por muitas vezes se assemelha ao masculino, mas ao mesmo tempo se difere, antes e depois da inserção da nova modalidade de trabalho autônomo.

Não tinha gás, tinha que cortar lenha quando amanhecia o dia, eu participava puxando boi pra cortar terra, pulando arroz, botando água, moendo milho, ia deixar comida na

roça e subia mais uma serra para chegar lá, passei muita fome e dificuldades. (MELO, 2022)

As mulheres plantavam feijão, limpava, eu mesma plantava feijão, mas nunca limpei não, catava arroz também, deixava o almoço, ia com um prato de barro na cabeça subia uma ladeira do tamanho do mundo, ia três vezes por dia na roça. (PEREIRA, 2022)

As mulheres tinham que ir deixar a comida na roça aos maridos e cuidar dos filhos (SARMENTO, 2022)

A participação feminina era ainda mais árdua pois além das responsabilidades como dona de casa, tinham também que trabalhar no roçado, e cuidar dos filhos, após a inserção dos homens no crediário a vida dessas agriculturas e donas de casa tornou-se menos árdua devido a uma redução de uma parte de seu trabalho na roça, pois passaram a frequentar a roça somente em um turno enquanto seus maridos estavam lá, quando eles estavam nos grandes centros vendendo crediário, elas ficavam cuidando do lar.

Ficou melhor né porque tinha uma ajuda da roça com feijão, milho, jerimum, e o que o esposo ganhava já comprava o tempero e a feira. Mudou mais porque eu ia menos na roça, melhorei mais de vida, fui fazendo uma feira melhor, aí o seguro safra e depois o bolsa família depois também me ajudaram muito. (SILVA, 2022)

As entrevistadas relatam que mesmo após a inserção de alguns membros da família em duas modalidades de trabalho informal, ainda sim havia dificuldades financeiras como já citado, essas simples sertanejas não sabiam que de fato esse acontecimento se dava devido à chegada das medidas neoliberais no Brasil.

6.7. O COTIDIANO DE HOMENS E MULHERES DE SÃO DIOGO NA CONTEMPORANEIDADE

Após a aplicação do questionário de pesquisa pôde-se conhecer e dialogar melhor sobre a realidade vivenciada no Sítio São Diogo em tempos difíceis de seca, e pôde-se também acompanhar o marco histórico que foi para a população a aproximação com a nova modalidade de trabalho autônomo.

O sistema patriarcal onde os homens permanecem no poder e sucessivamente designa as funções que devem ser realizadas pelos outros membros da família, politicamente nesse sistema os homens também lideram tomando decisões políticas, econômicas, sociais, e de cunho moral. Esse sistema sempre predominou em São Diogo desde seus primórdios até os dias atuais, por ser uma pequena comunidade onde o conservadorismo sempre se fez presente nas relações cotidianas, porém com a construção da Escola João Alves de Sousa abriu diversas vagas ofertando assim oportunidade de emprego as mulheres, assim começaram as mudanças na vida das mulheres dentro desse sistema, hoje as mulheres presentes na comunidade já tem seus

direitos garantidos, conseguem trabalhar e serem reconhecidas, porém o patriarcado e conservadorismo ainda se faz bastante presente fazendo com que a figura paterna sendo o líder familiar.

A atividade que aqui ainda impera é autônoma, quase todos os moradores são agricultores; a maior parte da parcela masculina mesclam seu tempo em ambas atividades autônomas: agricultura e crediário; já as mulheres ainda sim agricultoras, donas de casa, esposas, mães, mas que também uma grande parcela entre as mais jovens são estudantes, ou também se inseriram no comércio autônomo, o que caberia em uma outra pesquisa estudar de forma mais detalhada esses números.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decorrer desta pesquisa foi destacado o cotidiano e o analítico passado na seca de 1990 da população do sítio São Diogo, sertanejos que mesmo naquele cenário lamentável causado pela seca sempre foram povo de muita fé, suas orações eram incessantes pelas chuvas e o pão de cada dia, e das diversas secas que eles enfrentam sendo de destaque a década de 1990 onde houve um grande marco histórico, e também uma reviravolta econômica no momento que encontravam-se sem saída para manter o sustento familiar somente da agricultura que era a principal fonte de renda da população, encontrou-se solução em uma nova modalidade de trabalho autônomo; o crediário de lâmpadas e aparelhos, profissão que foi uma válvula de escape naquele momento, e que se estende até os dias atuais como fonte de renda complementar desses trabalhadores autônomos.

A partir de um apanhado bibliográfico pôde-se explicar com vocabulário formal, porém em palavras de fácil acesso sobre aspectos sócio históricos que São Diogo vivenciava, destrinchando em âmbito nacional o que de fato ocorria na economia do país para justificar tamanhas dificuldades enfrentadas por aquele povo, levando em consideração as condições históricas e geográficas para tecer as reflexões aqui colhidas. Geograficamente a localização do Nordeste recebe influência de massas de ar úmido que dão pouca força, o fenômeno El Niño foi a principal causa da seca de 1990 devido resultar no aquecimento das águas que cotidianamente eram frias e que ficam localizadas na costa litorânea do Peru, causando assim prejuízos em diversas áreas.

As secas que eram cíclicas a cada volta deixava prejuízos geográficos, e econômicos difíceis de reverter, surgindo assim problemas estruturais que ficaram enraizados até os dias atuais, após enfrentar diversas secas, a seca de 1990 em especial veio acompanhada com a adoção do sistema neoliberal no país devido o fim da ditadura militar e grandes atrasos

tecnológicos, porém com a chegada da doutrina econômica adotaram-se medidas que agravou-se a má distribuição de renda assim sucessivamente aumentou-se o desempenho, pobreza, desigualdades sociais, redução de salário, dentre outras medidas que agravam a situação do país, e conseqüentemente a dos sertanejos.

Com a solução que os são-dioguenses encontraram ao condensar as atividades de agricultura e crediário torna-se indispensável destacar que as formas de trabalho acompanham as necessidades dos homens historicamente desde sua origem, porém as crises e mudanças no mundo do trabalho são recorrentes devido às crises cíclicas que também torna-se comum ao assunto devido ao sistema capitalista. Com a industrialização no ambiente das fábricas tornou-se menos necessária a mão de obra humana, gerando assim desemprego, porém o trabalhador viu como saída o mercado informal o qual quase toda população de São Diogo integra.

O principal objetivo do trabalho era narrar a realidade vivida pelos trabalhadores autônomos do Sítio São Diogo na seca de 1990 mostrando os desafios por eles enfrentados, assim sucessivamente mostrar sua trajetória de sucesso nas atividades autônomas desenvolvidas até os dias atuais. Durante as entrevistas nota-se de forma clara na fala de pessoas simples o quão difícil foi enfrentar as diversas secas que assolaram a região, em especial a de 1990, porém é notória também mesmo que com o histórico de estiagem e desemprego, com as histórias dos são-dioguenses nota-se a satisfação nas entrevistas após adentrarem na nova modalidade de trabalho autônomo; podendo assim com essas narrativas trazer apanhados bibliográficos que imprimem em suas narrativas grande riqueza em cada história descrita.

REFERÊNCIAS

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política. O Processo de Produção do Capital.** Livro I, vol. II. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil/DIFEL, 1987.

ALBUQUERQUE, Júnior Durval Muniz. **A intervenção do Nordeste e outras artes.** 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALTAFIN, Iara. **Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar.** Brasília: CDS/UnB, 2007. Disponível em:

<<http://www.enfoc.org.br/system/arquivos/documentos/70/f1282reflexoes-sobre-o-conceito-de-agricultura-familiar---iara-altafin---2007.pdf>>. Acesso em: 22 de ago. de 2022.

ANDRADE, Correia Manoel de. **A terra e o homem no Nordeste.** 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1964.

ANTUNES, Ricardo L. C. (Ricardo Luís Coltro), 1953 **Os Sentidos do Trabalho:** ensaio sobre a armação e a negação do trabalho 2. ed - São Paulo/SP: Boitempo, 2009.

ARAÚJO, Tânia Bacelar. **A industrialização do Nordeste**: Intenções e resultados. Comunicação apresentada no Seminário Internacional sobre disparidade Regional. FORUM NORDESTE, Recife, 1981.

BELTRÃO, Augusto Breno. et al. **Diagnóstico do Município de Vieirópolis**. Recife, 2005.

ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

BRAGA, Thaiz. Informalidade e ocupação não-registrada na RMS. **Bahia e Análise e dados**, Salvador, n. 4, p. 27-35, 1999.

BRAVERMAN, H. **Trabalho capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. 3.ed. Rio de Janeiro: LTR, 1987.

BRUMER, A; WEISHEIMER, N. **Agricultura e políticas públicas para as mulheres rurais no âmbito do Mercosul**. In: Brasil MDA. **Gênero, agricultura familiar e reforma agrária no Mercosul**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. p. 189-256. (Nead Debates; 9)

COSTA, Márcia da Silva. **TRABALHO INFORMAL: um problema estrutural básico no entendimento das desigualdades na sociedade brasileira**. In: CADERNO CRH, Salvador, v. 23, n. 58, Jan./Abr. 2010.

COSTA, Carlos R. **Estrutura de classes, condições de vida e oportunidades de mobilidade social no Brasil**. In: HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson do Valle. *Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

Daniel, “**Street commerce as a ‘problem’ in the cities of Rio de Janeiro and São Paulo**”. in: Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology, v. 11, n. 1. January to June 2014. Brasília, ABA. Available at: <http://www.vibrant.org.br/issues/v11n1/daniel-hiratastreet-commerce-as-a-problem-in-the-cities-of-rio-de-janeiro-and-sao-paulo/>

DRUCK, Graça. **Trabalho, Precarização e Resistências: novos e velhos desafios**. Salvador, 2011, p. 37-57.

DURÃES, Bruno. **Camelôs globais ou de tecnologia: novos proletários da acumulação**. Salvador: EDUFBA; FAPESP 2013.

ENGELS, F. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. In: Antunes. R. (org.) *A dialética do trabalho: Escritos de Marx e Engels*. São Paulo: Expressão Popular, 2004. p. 11-28.

G. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. Temas de Ciências Humanas, tradução de Carlos Nelson Coutinho, São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, n. 4, p. 1-18, 1978.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Trabalho e individuo social**. São Paulo: Cortez, 2008.

MARINHO, Roberto Silva da. **Entre Paradigmas: Combate à seca e a convivência com o semi-árido**. SCIELO Brasil, 2003.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital.** Tradução de Rubens Enderle, 2º ed. São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital rumo a uma teoria da transição.** Tradução de Paulo César Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2002.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista/O ornitorrinco.** São Paulo: Boitempo, 2003.

RACHEL, Queiroz de. **O Quinze.** 82ª ed. Rio de Janeiro, Jose Olympio. 2006.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas.** 103ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SILVA, C; ARANTES, R; FERREIRA, V. **Divisão sexual e divisão racial do trabalho.** In: SILVA, C; ARANTES, R; FERREIRA. *Nosso Trabalho Sustenta o Mundo.* ed. 02. Recife: SOS Corpo, 2012. 92 p.

SILVA, Carlos Freire da. **Viração: o comércio informal dos vendedores ambulantes.** In: CABANES, Robert. GEORGES, Isabel et. al. (orgs.). *Saídas de emergência: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo.* São Paulo: Boitempo, 2011.

BRASIL, Informações do. **SITIO SÃO DIOGO – Vieirópolis/PB.** Disponível em: <<https://informacoesdobrasil.com.br/rua/pb/vieiropolis/sitio-sao-diogo+5356>>. Acesso em: 14 de fev. de 2022.

SOUZA, Paulo Renato. **Emprego, salários e pobreza.** São Paulo: Hucitec, 1980.

TAVARES, Maria Augusta. **Os fios invisíveis da produção capitalista.** São Paulo: Cortez, 2004.

TEDESCHI, L. A. **O uso da categoria gênero na história das mulheres camponesas: uma ferramenta necessária.** In: MENEGAT, A. S.; TEDESCHI, L. A.; FARIAS, M. de F. L de. *Educação, relações de gênero e movimentos sociais: um diálogo necessário.* Dourados: UFGD, 2009.

APÊNDICES

INSTRUMENTAL DE PESQUISA 01 – FEMININO

1. Nome
2. Idade
3. Como foi vivenciada a seca na década de 90 pelo seu grupo familiar?
4. Como era a participação feminina na agricultura?
5. Quais consequências a seca trouxe para a economia familiar?
6. Quando os homens da família buscaram um complemento para a renda no crediário, houve mudança da atuação feminina na agricultura?
7. Por que as mulheres da família não foram inseridas nesse novo mercado de trabalho?
8. Como ficou a renda familiar nesse momento?

INSTRUMENTAL DE PESQUISA 02 – MASCULINO

1. Nome
2. Idade
3. Como era feito seu trabalho na agricultura da década de 1990?
4. Como foi vivenciada a seca na década de 1990?
5. Quais as principais consequências que a seca causou na economia familiar?
6. Qual o estopim para que houvesse a busca de um novo trabalho informal para complementar a renda?
7. Por que foi escolhido o crediário de lâmpadas e aparelhos para complementar a renda?
8. Como foi o primeiro contato com outra modalidade de trabalho informal, naquele momento?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa intitulada: “A INFORMALIDADE NO TRABALHO PERANTE A CONJUNTURA DO CREDIÁRIO E DA AGRICULTURA EM SÃO DIOGO - MUNICÍPIO DE VIEIRÓPOLIS/PB”.

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado sendo a guarda e confidencialidade do Pesquisador (a) responsável e a para quaisquer fins.

Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o (a) pesquisador (a) responsável: Emile Naiane Moreira de Abrantes através do e-mail: emilenaine22@gmail.com.

A presente pesquisa é motivada pelo interesse de investigar o labor na região de São Diogo durante a seca no nordeste, e a entrada dos trabalhadores em uma dupla jornada de trabalho informal. O objetivo desse projeto é analisar os mecanismos e vivências que esses trabalhadores tiveram que desenvolver para atuar em uma dupla jornada autônoma na agricultura e no crediário, traçar o perfil em relação a geração dos trabalhadores, e descrever analiticamente o fenômeno social da seca no município de Vieirópolis no ano de 1990.

Para a coleta de dados será utilizado o seguinte procedimento: questionários que serão aplicados a parte da solução em pesquisa de campo, o questionário contará com dez perguntas. Trata-se de pesquisa com baixíssimo risco por sua natureza, ao passo que não se utiliza nenhum procedimento invasivo.

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer tempo e aspecto que desejar, através dos meios citados acima. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sendo sua participação voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade.

Sua identidade será exposta caso concorde, e todos os dados coletados servirão apenas para fins de pesquisa. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado

sem a sua permissão, caso permitido, sua identidade será exposta em alguma publicação que possa resultar deste estudo.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____ estou de acordo em participar da pesquisa e expor minha identificação caso necessário na pesquisa intitulada: “A INFORMALIDADE NO TRABALHO PERANTE A CONJUNTURA DO CREDIÁRIO E DA AGRICULTURA EM SÃO DIOGO - MUNICÍPIO DE VIEIRÓPOLIS/PB”, de forma livre e espontânea, podendo retirar a qualquer meu consentimento a qualquer momento.

_____, _____, de _____ de _____.

Assinatura do Responsável pela Pesquisa

Assinatura do Entrevistado